

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENVELHECIMENTO HUMANO

**PERFIL DOS PROFISSIONAIS QUE ATUAM EM GRUPOS DE TERCEIRA IDADE:
desdobramentos no processo de envelhecimento humano**

FRANCIELI DAL'VESCO

Passo Fundo
2012

FRANCIELI DAL'VESCO

PERFIL DOS PROFISSIONAIS QUE ATUAM EM GRUPOS DE TERCEIRA IDADE:
desdobramentos no processo de envelhecimento humano

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Envelhecimento Humano.

Orientador:

Péricles Saremba Vieira

Co-orientador:

Telma Elita Bertolin

CIP – Catalogação na Publicação

D152p Dal’Vesco, Francieli
Perfil dos profissionais que atuam em grupos de terceira idade:
desdobramentos no processo de envelhecimento humano / Francieli
Dal’Vesco. – 2011.
98 f. ; 30 cm.

Orientação: Prof. Dr. Péricles Saremba Vieira.
Co-orientação: Prof^a. Dr. Telma Elita Bertolin.

Dissertação (Mestrado em Envelhecimento Humano) – Universidade
de Passo Fundo, 2011.

1. Idosos – Cuidado e higiene. 2. Gerontologia. 3. Qualidade de vida.
4. Envelhecimento. I. Vieira, Péricles Saremba, orientador. II. Vertolin,
Telma Elita, co-orientador. III. Título.

CDU: 613.98

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

PÓS-GRADUAÇÃO
stricto sensu

UPF



UPF
ppgEH
ENVELHECIMENTO HUMANO

ATA DE DEFESA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DA ALUNA

Francieli Dal Vesco

Aos trinta e um dias do mês de março do ano dois mil e onze, às quatorze horas, realizou-se, na Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade de Passo Fundo, a sessão pública de defesa da Dissertação: “Perfil dos profissionais que atuam em grupos de convivência em terceira idade: desdobramentos no processo de envelhecimento humano”, apresentada pela mestranda Francieli Dal Vesco, que concluiu os créditos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Envelhecimento Humano. Segundo os encaminhamentos do Conselho de Pós-Graduação (CPG) do Mestrado em Envelhecimento Humano e dos registros existentes nos arquivos da Secretaria do Programa, a aluna preencheu todos os requisitos necessários para a defesa. A banca foi composta pelos professores doutores Péricles Saremba Vieira - orientador e presidente da banca examinadora (UPF), Telma Elita Bertolin (Co-orientadora UPF), Jhoannes Doll, Astor Antonio Diehl, Iara Caierão e André Baggio. Após a apresentação e a arguição da dissertação, a banca examinadora considerou a candidata APROVADA, em conformidade com o disposto na Resolução Consun Nº 07/2010.

A banca recomenda a consideração dos pareceres, a realização dos ajustes sugeridos e a divulgação do trabalho em eventos científicos e em publicações.

Encerrados os trabalhos de defesa e proclamados os resultados, eu, Prof. Dr. Péricles Saremba Vieira, presidente, dou por encerrada a sessão pela banca.

Prof. Dr. Péricles Saremba Vieira
Orientador e Presidente da Banca Examinadora

Passo Fundo, 31 de março de 2011.

Jhoannes Doll
Banca interna

Profª. Drª. Telma Elita Bertolin
Co-orientadora UPF

André Baggio
Banca externa

Astor Antonio Diehl
Banca interna

Iara Caierão
Banca externa

DEDICATÓRIA

À minha MÃE (in memória), como recompensa pela conquista deste trabalho e pela grandeza que representa em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, fonte de toda sabedoria e discernimento, pela força e pela coragem concedida, pela companhia em todo o percurso desta caminhada.

À minha família, e amigos pela compressão, apoio e carinho em todos os momentos desta caminhada.

Ao Prof. Dr. Péricles, minha gratidão, pela orientação, pela indicação de caminhos seguros, pela paciência, pelos horários especiais, pelo constante acompanhamento e incentivo e, acima de tudo, pela sua competência. Mais que um orientador, é uma pessoa com capacidade infinita.

Aos professores da Banca de qualificação e defesa pelos olhares apontados no trabalho.

A todos os professores e colegas do curso, muito obrigada.

CONCERTOS PARA CORPO E ALMA

*Compreendi, então,
que a vida não é uma sonata que,
para realizar sua beleza,
tem que ser tocada até o fim.*

*Dei-me conta, ao contrário,
de que a vida é um álbum de minissonatas.*

*Cada momento de beleza vivido e amado,
por efêmero que seja,
é uma experiência completa,
que esta destinada a eternidade.*

*Um único momento de beleza e amor,
Justifica a vida inteira.*

Rubem Alves

RESUMO

Dal’Vesco, Francieli. Perfil dos profissionais que atuam em grupos de terceira idade: desdobramentos no processo de envelhecimento humano. 2011. 98 f. Dissertação (Mestrado em Envelhecimento Humano) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2011.

A pesquisa teve como propósito delinear o perfil dos profissionais que atuam em grupos de convivência para a terceira idade e a partir disso, derivar possíveis desdobramentos no processo de envelhecimento humano. Dessa forma, poder-se-á contribuir no planejamento de ações, visando ao aprimoramento de sua atuação e em decorrência, melhorar a qualidade de vida dos idosos. Nesse intuito, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com treze profissionais que atuam em grupos de convivência no município de Passo Fundo, Rio Grande do Sul. Dentro do que se propôs a pesquisa, observou-se que o delineamento do perfil dos profissionais nos grupos de convivência para a terceira idade tende a ser construído por um somatório de condicionantes. Entre eles, a formação acadêmica, a qual parece definir o tipo, bem como a forma de conduzir as atividades no trabalho com os idosos. Todavia, somam-se ainda outros aspectos que influenciam na atuação desses profissionais, entre os quais se agregam os fatores ambientais, da sociedade em que está inserido, fatores culturais, éticos, históricos, econômicos, burocrático, genéticos, o convívio com pessoas idosas, a maneira como construíram/constroem seus conhecimentos sobre o envelhecimento humano, a forma como o profissional percebe/encara o trabalho nos grupos, as inter-relações com os idosos nos grupos de convivência. E esses condicionantes não caminham isolados, eles se entrelaçam entre si. Além disso, percebeu-se que o pequeno número de entrevistados influencia o modo de vida de quase dois mil idosos, caso se considere o círculo de convivência deles. Mas, esse número pode quadruplicar. Guardadas as devidas proporções, treze profissionais são capazes de exercer influência sobre o comportamento de oito mil pessoas aproximadamente. Entender quem são esses profissionais e compreender como constroem suas atuações pode contribuir para o oferecimento de outras atividades e possivelmente agregar outro perfil de idosos participantes. Em consequência, pode resultar na inserção de outros profissionais nos grupos de conveniência, a exemplo de psicólogos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, etc.

Palavras-chave: **1. Atuação profissional. 2. Envelhecimento humano. 3. Grupos de Convivência para a Terceira Idade. 4. Perfil profissional**

ABSTRACT

Dal'Vesco, Francieli. Perfil dos profissionais que atuam em grupos de terceira idade: desdobramentos no processo de envelhecimento humano. 2011. 98 f. Dissertação (Mestrado em Envelhecimento Humano) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2011.

The research purpose was to outline the profile of professionals working in groups of living for the elderly and from this, derive possible developments in the human aging process. Thus, power will help in planning actions, aiming at improving its performance and consequently, improve the quality of life for seniors. To that end, semistructured interviews were conducted with thirteen professionals who work in groups living in the city of Passo Fundo, Rio Grande do Sul Within that set out to search, we found that the design of the profile of professionals in support groups, to seniors tend to be constructed by a sum of constraints. Among them, the academic training, which seems to define the type as well as how to conduct activities in working with the elderly. However, one may add still other aspects that influence the performance of these professionals, among whom there are additional environmental factors, the society in which it appears, cultural, ethical, historical, economic, bureaucratic, genetic, living with the elderly, how they built build your knowledge of human aging, how the professional perceives, sees the working groups, inter-relationships with the elderly living in groups. And these factors do not walk alone, they are interrelated. Furthermore, we noticed that the small number of respondents affects the livelihoods of nearly two thousand elderly, if we consider the social circle of them. But that number could quadruple. , Mutatis mutandis, thirteen employees are able to influence the behavior of approximately eight thousand people. Understand who they are professional and understand how they construct their actions can contribute to the delivery of other activities and possibly add another profile of elderly participants. As a consequence, may result in the inclusion of other professionals in groups of convenience, like psychologists, physicians.

Key words: **1. Professional performance. 2. Human aging. 3. Groups Living for Seniors. 4. Professional profile.** .

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dados referentes a formação dos profissionais entrevistados que atuam em Grupos de Convivência para a Terceira Idade (GCTI). 46

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	15
2.1. DESENHO DO PROCESSO DE ESTUDO DA PESQUISA	15
2.2. LOCAL E POPULAÇÃO DO ESTUDO	15
2.3. SELEÇÃO DA AMOSTRA	16
2.4. COLETA DOS DADOS	18
2.5. A ANÁLISE DOS DADOS	19
2.6. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE O MÉTODO ADOTADO	20
2.7. CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	21
3. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O ENVELHECIMENTO HUMANO	22
3.1. ASPECTOS DEMOGRÁFICOS SOBRE O ENVELHECER HUMANO	22
3.2. DIVERSOS OLHARES PARA O ENVELHECIMENTO HUMANO	23
3.3. GRUPOS DE CONVIVÊNCIA NA TERCEIRA IDADE: ESTRATÉGIAS DE OCUPAÇÃO DO TEMPO LIVRE NA VELHICE	29
3.3.1. ASPECTOS GERAIS SOBRE OS GRUPOS DE CONVIVÊNCIA	29
3.3.2. PARTICULARIDADES DOS GRUPOS DE CONVIVÊNCIA	31
3.3.3. ATUAÇÃO PROFISSIONAL E POSSÍVEIS ELEMENTOS EDUCACIONAIS/ PEDAGÓGICOS NAS AÇÕES DESENVOLVIDAS AO ENVELHECER HUMANO	37
3.3.4. ABORDAGEM GERAL SOBRE OS GRUPOS DE CONVIVÊNCIA DE PASSO FUNDO	40
4. ANÁLISES E REFLEXÕES DA PESQUISA	43
4.1. MAPEAMENTO GERAL DOS GRUPOS DE TERCEIRA IDADE ENVOLVIDOS NA PESQUISA	43
4.2. NO DECORRER DA CONVERSA TRAÇOS DOS PERFIS PROFISSIONAIS VÃO SE DELINEANDO	45
4.2.1. TRAÇOS DE UM PERFIL MARCADO PELA FORMA COMO OS PROFISSIONAIS CONSTROEM SEUS CONHECIMENTOS SOBRE O ENVELHECIMENTO HUMANO	46
4.2.2. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NOS GRUPOS DE CONVIVÊNCIA PARA A TERCEIRA IDADE	60
4.2.3. GRUPOS DE CONVIVÊNCIA PARA A TERCEIRA IDADE COMO “ALTERNATIVA DE EMPREGO”: CARACTERÍSTICAS PROFISSIONAIS A PARTIR DESSA PERSPECTIVA	65
4.2.4. EM FOCO A EDUCAÇÃO FÍSICA NOS GRUPOS DE CONVIVÊNCIA PARA A TERCEIRA IDADE	72
4.3. CARACTERÍSTICAS INTERESSANTES ABORDADOS PELOS PROFISSIONAIS E QUE CONTRIBUEM PARA A CARTOGRAFIA DO ENVELHECER HUMANO	76
4.3.1. ASSUMIR A FUNÇÃO E NÃO A PESSOA	76
4.3.2. FEMINILIZAÇÃO DOS GRUPOS DE CONVIVÊNCIA PARA A TERCEIRA IDADE	78
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	85
ANEXOS	90
ANEXO A. PARECER COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA	91
APÊNDICES	94
APÊNDICE A. QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTA	95
APÊNDICE B. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	98

1. INTRODUÇÃO

O envelhecimento é um fenômeno mundial, o que significa que está havendo um crescimento mais elevado da população idosa em relação aos demais grupos. No século XX, esse fenômeno ganhou mais expressão e sustentabilidade. Ganhar anos de vida é desejo da grande maioria dos povos, porém não basta aumentar o número de anos vividos, é necessário envelhecer bem e com qualidade de vida. Assim, foram surgindo muitos projetos com o propósito de dar atenção aos idosos, dentre eles, os Grupos de Convivência para a Terceira Idade.

O primeiro trabalho com pessoas idosas foi iniciado pelo SESC/SP, em 1963, focalizou no encontro social e na ocupação do tempo livre dos aposentados. Desde então, vários grupos foram sendo formados se expandindo por todo o país, possibilitando muitas formas de inter-relacionamento humano, educação social e estímulo às demandas, pela realização de projetos que vão ao encontro do interesse dos idosos. Esses agregam grande número de participantes, bem como empregam profissionais de diferentes áreas de formação na atenção dessas pessoas.

Dessa forma, esta dissertação, cuja proposta é delinear o perfil dos profissionais que atuam em grupos de convivência para a terceira idade, e a partir disso, derivar possíveis desdobramentos no processo de envelhecimento humano, alia-se aos estudos supracitados.

As questões que permeiam esta proposta são as seguintes: Compreender quem são os profissionais que trabalham nos grupos de convivência para a terceira idade? Que formação têm? Com base em que conhecimentos fundamentam suas ações (por ações entenda-se o que pensam, o que fazem, por que o fazem, como planejam e avaliam o que fazem)? Qual é a natureza desses saberes? Como são construídos? Trata-se, por exemplo, de conhecimentos científicos, saberes eruditos e codificados como são encontrados nas disciplinas universitárias ou currículos escolares? São conhecimentos técnicos, saberes de ação, habilidades de natureza artesanal adquiridas através da experiência de trabalho? São conhecimentos racionais, baseados em argumentos ou se apoiam em crenças implícitas, em valores e/ou na subjetividade do profissional, através da experiência pessoal, da formação recebida num instituto, numa escola, numa universidade, através do contato com os profissionais mais experientes ou através de

outras fontes, ou nas experiências diárias? Ou tudo isso? Como a formação dos profissionais, seja na universidade ou noutras instituições, pode levar em consideração e até integrar os saberes na formação de seus pares? E mais especificamente, quais os possíveis desdobramentos que a compreensão dessa gênese do conhecimento profissional pode promover no processo de envelhecimento humano?

Ao perceber que muitos são os véus encobrendo o envelhecimento humano e também o trabalho profissional em qualquer área do saber, parece justificável realizar uma pesquisa que investigue/identifique as características dos profissionais que trabalham em grupos de terceira idade, informações referentes à sua formação, as atividades desenvolvidas e em especial os conhecimentos sobre o envelhecimento humano. Assim, compreendendo com mais profundidade as demandas existentes, provocará maiores reflexões, aperfeiçoamento e um melhor planejamento na atuação dessas pessoas. Desse modo, poderá gerar um atendimento mais próximo às necessidades, interesses e expectativas dos idosos e da sociedade em relação ao futuro. Em especial por partir do entendimento de que

[...] nossa vida se dá e se define a partir dos relacionamentos que mantemos com os outros, nos diferentes grupos sociais a que pertencemos. Por isso, tudo o que se passa com uma pessoa não se passa apenas com ela, mas se estende àqueles aos quais ela está relacionada. (DUARTE JUNIOR, 1986, p. 30)

Para isso a presente dissertação abrange a Introdução, abordando o que é proposto com o estudo e as razões pelas quais foi desenvolvida a pesquisa.

Os Procedimentos Metodológicos, onde há o detalhado quanto ao desenho do processo de estudo da pesquisa; local e população do estudo; procedimentos adotados para a seleção da amostra; para a coleta de dados; para a análise dos dados; considerações teóricas sobre o método adotado; e as considerações éticas para o estudo.

A Fundamentação Teórica tem como parte inicial as considerações gerais sobre o envelhecer humano, com uma breve análise sobre os aspectos demográficos; percepções sobre a velhice; e estratégias para ocupação do tempo livre, enfatizando os grupos de terceira idade e trabalho profissional desenvolvido.

Em seguida é apresentada Análises e Reflexões sobre os dados coletados, apontando um mapeamento geral dos grupos de convivência da terceira idade aos quais

os profissionais entrevistados desenvolvem atividades. E como foco principal da pesquisa um delineamento do perfil dos profissionais entrevistados, com aspectos referentes a sua formação acadêmica; como estes profissionais estão construindo seus conhecimentos; as atividades desenvolvidas por eles; aspectos referentes a possíveis desdobramentos no processo de envelhecimento humano.

As Considerações Finais encerram a dissertação, apresentando análises sobre as entrevistas dos profissionais que atuam em grupos de terceira idade, compilando possíveis respostas, desafios e propostas de desdobramentos pertinentes ao processo de envelhecimento humano.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 2000, p. 32).

2.1. DESENHO DO PROCESSO DE ESTUDO DA PESQUISA

A pesquisa foi conduzida pelo método fenomenológico-hermenêutico, a partir de entrevistas com perguntas semiestruturadas, sobre as quais serão tecidas considerações no item Análises e Reflexões.

Durante o processo, foram coletados depoimentos orais de treze profissionais que atuam em Grupos de Convivência na Cidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul.

2.2. LOCAL E POPULAÇÃO DO ESTUDO

A população do estudo foi composta por treze profissionais, com idades variando entre 27 e 60 anos, todas do sexo feminino, atuantes em Grupos de Convivência do município de Passo Fundo, Rio Grande do Sul.¹ Sendo onze profissionais atuantes em grupos de uma mesma instituição, e outros dois, em grupos pertencentes a outras entidades da cidade.

Para a realização da pesquisa, foram escolhidas profissionais que desenvolvem atividades em grupos de convivência no município de Passo Fundo. Nesse município, há cinco entidades que realizam atividades com idosos, são elas: Centro Regional de Estudos e Atividades para Terceira Idade (CREATI), Divisão de Apoio à Terceira Idade (DATI), Grupo de Terceira Idade do Clube Recreativo Juvenil (CREJUTI), Grupo de Terceira Idade do Clube Caixeiral Campestre (CAMTI) e o Grupo Maturidade Ativa (SESC). Estão localizados no centro, em bairros e zona rural do município, atuando numa população idosa de, aproximadamente, cinco mil inscritos e mais de 30 profissionais atuantes.

¹ Cabe salientar que no projeto apresentado à banca de qualificação, constava a cidade de Carazinho, em razão da falta de informações, dificuldade para agendar horários com o responsável pela coordenação dos grupos, aliada à realização de concurso público municipal provocando a troca de profissionais, foi optado por excluir este local da pesquisa.

Porém, a pesquisa contou com a participação de profissionais pertencentes aos grupos do DATI, CREJUTI e SESC. Inserir conteúdo com formatação de parágrafo padrão

2.3. SELEÇÃO DA AMOSTRA

As treze profissionais entrevistadas atuam em três instituições que realizam atividades com grupos de terceira idade. Destas profissionais, Onze atuam em grupos pertencentes ao DATI (especificamente, são dez profissionais atuantes nas atividades e uma gestora) uma ao CREJUTI e outra ao SESC.

Quanto ao DATI, é uma entidade ligada à Secretaria de Assistência Social, criada em 1996, que conta com a participação de mais de cinco mil idosos inscritos, divididos em 49 grupos de Terceira Idade entre a zona urbana e rural. São desenvolvidas/oferecidas atividades físicas, de lazer e recreação, e mais 8 oficinas específicas de Umbanda, dança de salão, artesanato, dança artística, oficina literária, grupo musical e neurocerebral.

Convém salientar que o grupo do DATI conta com o apoio de 24 profissionais contratados, 22 mulheres e 2 homens, dos quais 22 são graduados na área de Educação Física; um profissional graduado em Letras; outro, graduado em Educação Artística. Atendem aos grupos distribuídos no centro, bairros e interior, com a realização de atividades físicas e recreativas duas vezes durante a semana, com duração de três horas, durante a tarde. E num local próprio do DATI, junto à Secretária de Assistência Social são oferecidas as oficinas em horários distribuídos durante a semana. Esses profissionais também realizam atividades em 10 asilos da cidade, uma vez por semana, geralmente nas sextas-feiras.

Outro grupo, o do SESC, entidade ligada ao Serviço Social do Comércio, conta com três profissionais, que atuam no grupo Maturidade Ativa de Passo Fundo. Esse grupo possui três anos de criação.

O interesse da pesquisadora pelo SESC surgiu, uma vez que há registros, no Brasil, os quais atestam que os primeiros grupos de convivência ocorriam por intermédio dessa instituição, por isso, poderia vir a contribuir com dados relevantes. O

projeto atende a cerca de 110 participantes, distribuídos em 4 grupos com idades entre 50 e 83 anos, sendo 90 mulheres e 16 homens, com escolaridade, na sua maioria, entre ensino fundamental e médio. Conta com três profissionais atuantes. As atividades ocorrem em quatro horários durante a semana, com oficinas de canto, teatro e recreação/atividade física.

Quanto a CREJUTI, entidade ligada ao Clube Recreativo Juvenil, um profissional presta serviço voluntário nesse grupo.

Para a realização da pesquisa, inicialmente, foi feito contato com a Secretaria de Assistência Social, a qual informou e disponibilizou contato com a empresa responsável,² desde novembro de 2009, pelo vínculo empregatício dos profissionais que atuam no DATI. Conforme cronograma previsto no projeto, o primeiro contato seria feito em abril de 2010. Houve aprovação quase momentânea para a realização da pesquisa, por meio da coordenação da Secretaria de Assistência Social do município, em contrapartida, a aprovação da empresa somente ocorreu em setembro de 2010, alegando a recente implantação da corporação no município, motivo pelo qual estava em fase de estruturação para com as características locais dos grupos e também profissionais.

Após este período, foram disponibilizados endereços eletrônicos e telefones, para um contato direto com os profissionais, para possível convite e colaboração com a pesquisa. Assim, foi estabelecido o primeiro contato, sendo que num primeiro momento, todos poderiam participar da pesquisa, embora as coisas acontecessem de outra forma na prática. Alguns não atenderam ao telefone ou não responderam ao email com a proposta da pesquisa, inclusive quatro deles não quiseram participar dela. Cabe salientar que outras duas profissionais foram entrevistadas, mas em decorrência de falhas no aparelho de gravação, não foi possível considerá-las participantes da pesquisa.

A participante do outro grupo CREJUTI ainda constava nos registros dos professores do DATI, mas há cerca de 5 meses havia saído de lá e começado a prestar

² **Corporação Nacional da Saúde Integrada**, empresa responsável tem sede em Curitiba e desde novembro de 2009 presta serviço para a Prefeitura Municipal, sendo responsável pela contratação, coordenação e realização de atividades para as pessoas idosas. A instituição preocupa-se “em atender a população adulta e o crescente grupo de idosos de forma especializada, idealizando programas de ações integradas, educativas, preventivas e ambientais de auto-sustentabilidade e de promoção social, focando a longevidade com saúde e qualidade de vida.” (2010).

trabalho voluntário nesse local. Ela oferece oficina de literatura a, aproximadamente, 10 idosos. O número total de idosos participantes dessa entidade ela não soube informar, nem as outras atividades realizadas pelo grupo.

Em resumo, participaram da pesquisa treze profissionais do sexo feminino, de três entidades do município, que atendem a cerca de 1.250 idosos, em 20 grupos de convivência, 2 oficinas e 5 asilos. As entrevistas foram agendadas em locais e horários estabelecidos pelas profissionais, geralmente antes ou depois das atividades realizadas com os grupos de idosos.

2.4. COLETA DOS DADOS

As características das profissionais que atuam em trabalhos com idosos foram registradas através de uma entrevista semiestruturada, cuja finalidade era compreender a trajetória profissional do entrevistado, procurando enfatizar especialmente as questões referentes à formação profissional, mais especificamente, o trabalho que é realizado com os idosos. No total, foram entrevistadas treze mulheres, no período de 4 de outubro de 2010 a 23 de novembro de 2010.

Em referência aos procedimentos utilizados para a coleta de dados durante as entrevistas, é importante frisar que as intervenções da entrevistadora não se deram de maneira uniforme em cada entrevista, uma vez que os sujeitos apresentaram uma dinâmica própria de narrar suas trajetórias. Essas entrevistas aconteceram com o objetivo de investigar, identificar e esclarecer as características do trabalho realizado com os idosos. Assim, optou-se pela utilização de entrevistas semiestruturadas, com o propósito de permitir às profissionais maior liberdade em relatar sobre suas práticas profissionais, além de incentivar o relato dos sujeitos sobre assuntos pertinentes ao proposto pela pesquisa.

Convém acrescentar que a relação entre entrevistadora e entrevistadas, durante as entrevistas (ou diálogos), pode ser considerada “um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional” e mais, “a entrevista face a face é fundamentalmente uma situação de interação humana, na qual estão em jogo as

percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceito, interações e constituição de sentimentos para os protagonistas.” (SZYMANSKI, 2001, p. 195).

2.5. A ANÁLISE DOS DADOS

As entrevistas foram gravadas e transcritas, inclusive, em muitos momentos, foi necessária a reorganização da narrativa textual, para que fosse possível o seu entendimento. Durante o processo de compreensão dos resultados da pesquisa, procurou-se manter a fidelidade das informações fornecidas pelas entrevistadas, sem alterar o significado do que foi revelado pelo sujeito.

Após a transcrição das gravações, os depoimentos foram agrupados de acordo com os assuntos abordados nas entrevistas. Durante a sua transcrição, pôde-se perceber o que Szymanski, Almeida e Prandini (2001, p. 151) elucidam:

[...] o processo de transcrição de entrevista é também um momento de análise, quando realizado pelo próprio pesquisador. Ao transcrever, revive-se a cena da entrevista. E aspectos de interação são lembrados. Cada reencontro com a fala do entrevistado é um novo momento de reviver e refletir. O texto de referência pode incluir as impressões, percepções e sentimentos do pesquisador durante a entrevista e a transcrição.

De modo geral, a condução das entrevistas deu-se de modo semelhante, permeadas por questionamentos, os quais possivelmente contribuíram para delinear características do perfil das profissionais que atuam em Grupos de Convivência para a Terceira Idade, conforme APÊNDICE A, que demonstra o cronograma com as questões semiestruturadas da pesquisa. As falas encontradas serviram para posterior análise e reflexão.

Alguns dados com caráter mais objetivo, encontrados nas entrevistas, puderam ser agrupados sob forma de tabela. Esses dados, juntamente com partes de falas das profissionais, foram sendo interpretados e entremeados no decorrer da análise. Cabe ressaltar que a adoção desta forma de distribuição dos dados ocorreu para ter um caráter mais didático, bem como um maior esclarecimento. Salienta-se, todavia, que a classificação quantitativa ou qualitativa não interfere, inclusive, uma não sobrepõe à outra, mas se complementam, ambas servem para tecer informações coerentes dentro do que se propõe na pesquisa.

Conforme já descrito anteriormente, os dados com caráter mais objetivo, obtidos com as entrevistas, puderam ser agrupados sob forma de tabela.

- a) Primeira tabela contém dados de identificação: nome, gênero, idade, local e tempo de trabalho nos Grupos de Convivência para a Terceira Idade.
- b) Segunda tabela apresenta dados profissionais: formação acadêmica, instituição de ensino, ano de conclusão; pós-graduações (stricto e/ou lato sensu), instituição de ensino e ano de conclusão.

As falas selecionadas das profissionais, bem como os dados apresentados nas tabelas foram sendo analisadas e realizadas reflexões no decorrer do texto. Num primeiro momento, há um mapeamento geral dos Grupos de Terceira Idade que constituem os locais de atuação dos profissionais: local, número de idosos participantes, relação de homens e mulheres que realizam atividades, idades, escolaridade, estrutura do local.

E após, conforme proposto na pesquisa, houve uma abordagem mais específica sobre as profissionais entrevistadas. Então, puderam ser delineadas algumas características que compõem o perfil dos agentes que atuam com esse público, com base na interpretação das falas das entrevistadas, as quais possibilitaram tecer considerações pertinentes sobre esses profissionais, bem como a relação com possíveis desdobramentos no processo de envelhecimento humano.

2.6. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE O MÉTODO ADOTADO

Martins (1994, p. 26-27) discorre sobre

O método fenomenológico hermenêutico, o qual se caracteriza pelo uso de técnicas não quantitativas, com propostas críticas, buscando relacionar o fenômeno e a essência (eidos). A validação da prova científica é buscada pelo processo lógico da interpretação e da capacidade de reflexão do pesquisador sobre o fenômeno e o objeto de seu estudo.

Sanders (1982, p. 353) complementa que a fenomenologia “procura tornar explícita a estrutura e o significado implícito da experiência humana.” E Beck (1994, p. 125) diz que a “reflexão hermenêutica consiste na dialética da interpretação do significado dos dados de pesquisa como movimento dinâmico para compreensões mais

profundas. Dessa maneira, a apropriação do conhecimento se dá por meio do círculo hermenêutico: compreensão – interpretação – nova compreensão”.

Para tanto, foi adotado como procedimento investigativo a entrevista semiestruturada. Sobre esse tipo de pesquisa, Szymanski (2001, p. 193) explica:

A entrevista tem sido empregada em pesquisas qualitativas como uma solução para o estudo de significados subjetivos e de tópicos complexos demais para serem investigados por instrumentos fechados num formato padronizado (Banister, 1994). Lakatos (1993) inclui como conteúdos a serem investigados fatos, opiniões sobre fatos, sentimentos, planos de ação, conduta atual ou do passado, motivos conscientes para opiniões, sentimentos e condutas.

2.7. CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Atendendo às normas éticas da resolução 196, de 10 de Outubro de 1996 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde, que dispõe sobre pesquisas científicas envolvendo seres humanos, o projeto que deu origem a esta dissertação foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de Passo Fundo (UPF), Projeto aprovado (ANEXO A) com número de protocolo 0036.0.398.000-10. Esse projeto também foi enviado e explicado à Secretaria de Assistência Social de Passo Fundo e à Empresa responsável pela contratação dos funcionários do DATI. As profissionais interessadas foram esclarecidas a respeito dos objetivos da pesquisa e convidadas a participar dela como voluntários. Sua participação foi formalizada através da assinatura do TCLE (APÊNDICE B).

3. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O ENVELHECIMENTO HUMANO

3.1. ASPECTOS DEMOGRÁFICOS SOBRE O ENVELHECER HUMANO

O envelhecimento é um processo natural, contínuo a todos os seres vivos; um processo biológico, cujas alterações determinam mudanças estruturais no corpo e em decorrência, modifica suas funções. Deve-se levar em consideração que, na espécie humana, o envelhecimento é mais complexo, manifestando-se em todas as múltiplas dimensões: fisiológicas, emocionais, cognitivas, sociológicas, econômicas e interpessoais que influenciam o funcionamento e o bem-estar social (CORTELLETTI, 2002).

Atualmente, o envelhecimento é um fenômeno mundial, o que significa um crescimento mais elevado da população idosa em relação aos demais grupos. Nos anos de 1910, a população brasileira era constituída por, aproximadamente, 23 milhões de pessoas, entre as quais, pouco mais de um milhão, contava com 60 anos ou mais. Passados mais de 100 anos, o número de habitantes chega a quase 194 milhões, quando o número de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos passa de 18 milhões. Segundo projeções do IBGE (2009), em 2050, esse número poderá chegar a 64 milhões de pessoas idosas. Essa configuração demográfica caracteriza um perfil populacional cada vez mais envelhecido, pela redução no número de crianças e jovens, acompanhada do proporcional aumento de adultos, em especial, de idosos com uma crescente expectativa de vida.

Atualmente a vida média do brasileiro chega a 72,7 anos, com projeção para 2050 alcançar o patamar de 81,29 anos. O índice de envelhecimento aponta para mudanças na estrutura etária da população brasileira. Em 2008, para cada grupo de 100 crianças de 0 a 14 anos existem 24,7 idosos de 65 anos ou mais. Em 2050, o quadro tende a mudar para cada 100 crianças de 0 a 14 anos existirão 172,7 idosos (IBGE, 2009).

Ainda sobre o assunto, Camarano (2004, p. 26) explica:

O crescimento da população idosa é consequência de dois processos: a alta fecundidade no passado, observada nos anos 1950 e 1960, comparada à fecundidade de hoje e a redução da mortalidade da população idosa. Por um lado, a queda da fecundidade modificou a distribuição etária da população brasileira, fazendo com que a população idosa passasse a ser um componente cada vez mais expressivo dentro da população total, resultando no envelhecimento pela base. Por outro, a redução da mortalidade trouxe como consequência o aumento no tempo vivido pelos idosos, isto é, alargou o topo da pirâmide, provocando o seu envelhecimento.

O crescimento populacional, em especial da população idosa, é um fenômeno mundial, característico tanto dos países desenvolvidos, quanto dos países em

desenvolvimento. Porém, os mecanismos que levaram ao envelhecimento populacional nesses países se deram de formas distintas. Nos países desenvolvidos, o aumento no número de idosos ocorreu de forma gradual. Nos países em desenvolvimento, como o Brasil, o crescimento da população idosa aconteceu de forma acelerada.

3.2. DIVERSOS OLHARES PARA O ENVELHECIMENTO HUMANO

Entremeado aos fatores aumento populacional e aumento da longevidade, parece importante compreender que os indivíduos de uma faixa etária mais velha passaram/passam de modo dinâmico por mudanças cumulativas que encaminham, mantêm ou modificam sua maneira particular de desenvolvimento. Não passados muito mais de 50 anos, o homem foi à lua; inventou as vacinas; o primeiro transplante de órgão foi realizado; inaugurou-se a primeira emissora de televisão; a aprovação do divórcio; a invenção da pílula anticoncepcional; do biquíni; Francis Crick e James Watson (1953) propuseram a estrutura do DNA; os transgênicos; a criação do Viagra; as mulheres de “rainha do lar” também passaram a cidadãs participativas com direito ao voto, saíram de casa para concorrer/contribuir no mercado de trabalho, hoje já são maioria em vários espaços públicos, como exemplo, nas universidades; os filhos, num passado não muito distante, formavam-se e saíam de casa para trabalhar, hoje continuam em casa, muitos sem emprego. Marschall McLuhan (1969) dizia que o mundo se transformaria numa “aldeia global”, e de fato a internet se encarregou disso.

O avanço tecnológico singulariza e transforma a cultura contemporânea através dos processos de globalização. Assim, acontecimentos locais são influenciados por fatos que ocorrem do outro lado do globo e uma quantidade arrebatadora de novos conhecimentos desponta. Consequentemente, faz com que os seres vivos enquanto “entes dinâmicos autônomos em contínua transformação em coerência com suas circunstâncias de vida” (MATURANA, 2002, p. 59) tenham que agir e reagir diante da realidade, organizando e reorganizando seu conhecer a partir do próprio ato de viver.

E já que "nenhum homem que vive muito tempo escapa à velhice; é um fenômeno inelutável e irreversível" (BEAUVOIR, 1990, p. 24). O envelhecimento humano também vem passando por uma série de fenômenos inter-relacionados, que se

adensam na dinâmica social, extrapolando a dimensão biológica, além de refletir no mundo compartilhado de práticas, crenças e valores.

Analisando a formação do imaginário social do velho e da velhice, expressões estas que são dotadas de diversos significados e imagens. Da semântica à mídia, passando pela pintura e a literatura, os significados são, em geral, desfavoráveis ou pejorativos. Em imagens, e em diversas formas de expressão, ao longo da história humana, apresentam o velho e a velhice sob uma forma depreciativa, frágil, obsoleta e até cômica. E o que esperar do chegar à velhice, senão o que Paulo Leminski (1994, p. 77) versifica: “Que podia um velho fazer/ nos idos de 1916/ a não ser pegar pneumonia/ deixar tudo para os filhos/ e virar fotografia?”

Atualmente, ainda são muitos

[...] os véus que cobrem a destinação antecipada ao lugar social estereotipado que o aparente cuidado social lhes reservou: o ‘recolhimento interior’ (eufemismo para o afastamento do trabalho); a prevenção de possíveis doenças’ (medicalização da idade) ou as ‘festinhas da terceira idade’ (infantilização dessa etapa da vida). (MINAYO, COIMBRA, 2002, p. 12).

Em consequência, é preciso superar concepções supostamente vigentes, em particular, a dualista que divide o humano em corpo e alma, novo e velho, produtivo e não produtivo. A velhice deve passar a ser entendida como processo individual, um estágio da vida, que pode ser uma fase de desenvolvimento, distinta da ideia de degradação, tendo um sentido em si mesmo para além da doença, para aquém da morte.

Sendo assim, o que não se pode deixar de considerar é que “somos seres condicionados, mas não determinados” (FREIRE, 1996, p. 19), e que constantes concepções são produzidas, superando anteriores, as quais se “dispõem” a ser ultrapassadas por outras, de acordo com a realidade vigente.

É interessante questionar se esse aumento da população idosa é algo bom ou ruim e quais as implicações. Com base nas experiências cotidianas, cada vez mais velhos e velhas estão se mostrando sujeitos ativos, independentes, presentes e participativos nos domínios da vida privada e nos diferentes espaços públicos, na busca de seus interesses e direitos. Exemplos que transpassam a inatividade e improdutividade, como são os casos do arquiteto Oscar Niemeyer, do Papa Bento XVI,

da atual presidente Dilma Rousseff, entre outros, todos com mais de 60 anos, que se encontram socialmente ativos, politicamente influentes, respeitados e admirados.

Todavia, cabe enfatizar que muitos são os fatores que favoreceram o aumento da longevidade e contribuíram para uma possível mudança no eixo social, dentre eles, o fortalecimento do sistema capitalista, marcado pelo desenvolvimento, pelo consumismo acrescido de tecnologias diversas, oportunizando o surgimento de importantes discussões. Soma-se a isso, o fato de o século XX ser marcado com o desenvolvimento de áreas científicas voltadas especificamente ao processo de envelhecimento humano. Assim, políticas de atenção ao idoso são formuladas por órgãos internacionais, em debates políticos e técnicos, os quais serviram como precursores das políticas e dos programas formulados no Brasil, adaptados às conjunturas locais.

Citam-se alguns acontecimentos que tiveram como discussão a velhice. Em 1982, em Viena, a Organização das Nações Unidas promoveu a Primeira Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento e aprovou um Plano de Ação para a população idosa, conhecido como Plano Internacional de Viena (U.N., 1982). Esse Plano contém recomendações de políticas relacionadas à educação, emprego, seguridade social, meio ambiente, saúde, bem-estar social e da família dirigidas à população idosa.

No Brasil, em 1994, foi sancionada a Lei N° 8.842 de 4 de janeiro, que regulamenta a Política Nacional do Idoso. O 1º Artigo dessa Política assegura “os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade”. Considera como Idosa “pessoa maior de 60 anos de idade”. A Política Nacional do Idoso trata de aspectos relacionados aos direitos e bem-estar deste grupo populacional, tais como educação, trabalho e previdência social, habitação e urbanismo, justiça, cultura, esporte e lazer. Um de seus principais propósitos é a promoção do “envelhecimento saudável”, a manutenção e a melhoria, ao máximo, da capacidade funcional dos idosos, a prevenção de doenças, a recuperação da saúde dos que adoecem e a reabilitação daqueles que venham a ter a sua capacidade funcional restringida, de modo a garantir-lhes permanência no meio em que vivem, exercendo de forma independente suas funções na sociedade. (Portaria MS n.º 1.395/GM, 10 de dezembro de 1999).

Em 2003, foi instituído o Estatuto do Idoso – Lei 10741 de 1º de outubro de 2003, o qual foi elaborado com a participação de entidades de defesa da pessoa idosa e trata de diversos aspectos relacionados à vida dos idosos, com ênfase nos direitos fundamentais assegurados à pessoa idosa. Concretiza, no âmbito da saúde, a garantia do cuidado e da atenção integral pelo Sistema Único de Saúde, abordando as competências e responsabilidades dos profissionais e gestores do SUS.

Outro acontecimento importante ocorrido no Brasil, no final dos anos 80 e início dos anos 90, foi o movimento dos aposentados incursionado na mídia. Esse movimento ocorreu através da mobilização de aposentados, pensionistas e demais beneficiários da Previdência Social, que “se agruparam para reivindicar o direito à irredutibilidade dos seus benefícios previdenciários, correspondente à manutenção do seu poder aquisitivo”. (CAETANO, 2006, p. 42). Fez proliferar iniciativas, criando-se conselhos, comitês e comissões, visando a assessorar a administração pública no tratamento da população idosa com programas estatais e de organização privada, dispostos em assegurar o chamado “bem-estar da velhice”³.

A Organização das Nações Unidas (ONU) declarou o ano de 1999 como o “Ano Internacional do Idoso”, cujo tema foi a “Construção de uma sociedade de todas as idades”. As implicações político-econômicas e sociais dessas decisões e opções parecem ter sido marco importante para o entendimento do papel social dos idosos na sociedade - em especial, na ocidental, pois, no ano seguinte, a World Leisure and Recreation Association – WLRA (Associação Mundial de Lazer e Recreação) criou uma comissão para examinar questões relativas à Terceira Idade. Dentre as diversas preocupações da comissão, destaque para os fatores lazer e tempo livre na terceira idade. Tal fato apresenta relevância social acentuada, pois

[...] em virtude da quase total falta de compreensão do lazer na terceira idade e a falta de iniciativas para implementar programas e atividades de lazer para idosos, as decisões da ONU e da WLRA, em muito podem estimular a pesquisa, o estabelecimento de políticas e práticas que virão melhorar a qualidade de vida dos idosos em diferentes contextos culturais e econômicos. (MCPHERSON, 2000, p. 227).

³ Em relação às iniciativas e os discursos que envolvem a terceira idade, torna-se oportuno mencionar a análise crítica feita por Johannes Doll (2005, p. 9) acerca dos mitos e verdades sobre a expressão “bem-estar na velhice”, afirmando que: “sobre o bem-estar na velhice, podemos mencionar o discurso científico gerontológico, que destaca hoje a importância dos fatores saúde, relações sociais e situação econômica para o bem-estar. Mas o que necessita ser considerado na discussão sobre os mitos e verdades do bem-estar na velhice é a perspectiva das próprias pessoas idosas: o sentido que elas dão a sua vida”

Sendo assim, muitos velhos deixaram de depender dos filhos, e em partes, estão sendo assistidos/amparados pelos organismos públicos, favorecidos por Estatutos e Códigos éticos, políticas próprias designadas para as pessoas idosas, as quais podem ser entendidas como um conjunto de intervenções públicas, ou ações coletivas, cujo objetivo consiste em direcionar (ou seria obrigar?), de forma explícita ou implícita, as relações entre a velhice e sociedade, “assegurando os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva no convívio social.” (LEI Nº 8.842, DE 4 DE JANEIRO DE 1994. Cap.1).

Desse modo, os idosos vêm se mostrando cada vez mais independentes em termos de moradia, direitos, renda, mesmo que esta venha da aposentadoria, passando a ser foco de grande interesse na sociedade. Um consumidor em potencial, inserido, contudo, em diferentes realidades sociais. Uma abordagem capitalista, que tenta deixar para trás a ideia de ser um “problema social⁴” tornando-se público-alvo altamente valorativo. Nesse sentido, são lançados inúmeros produtos e serviços especializados, a fim de atender a seus interesses, não somente as indústrias farmacêuticas e os planos de saúde são os detentores dos lucros com essa parcela da população, mas também agências de viagens, vestuário, cosméticos, bens de serviço, com vistas a propagar a ideia de velhice com qualidade de vida ou de velhice saudável, como se o consumo exagerado, ou o simples acesso ao consumo determinasse a qualidade de um envelhecer bem.

Acompanhando o crescimento desse mercado, e a determinação de lei e normas direcionadas exclusivamente aos que passam cronologicamente dos 60 anos, fez surgir uma nova linhagem em oposição às antigas formas de tratamento dos velhos e aposentados:

⁴ Peixoto (1998, p.70) justifica o uso desse termo apresentando que “O que tornou a velhice um problema social foram, sobretudo as consequências econômicas, que afetaram tanto as estruturas financeiras das empresas – e posteriormente do Estado, com o advento das aposentadorias -, quanto às estruturas familiares, que até então arcavam com os custos de seus velhos incapacitados, para sustentar a si mesmos. Essa “conscientização social” tornou uma ação de responsabilidade dos órgãos e/ou das políticas públicas com idosos que anteriormente concentrava-se na família ou delegadas a instituições particulares, para instâncias despersonalizadas e burocratizadas, em que as relações entre os agentes se operam de forma anônima, ignorando mutuamente as suas existências (LENOIR, 1998, p. 67). A transferência desse encargo para outra instância afetou sensivelmente as relações entre gerações nas diferentes classes sociais.”

[...] a terceira idade substitui a velhice, a aposentadoria ativa se opõe à aposentadoria, o asilo passa a ser chamado de centro residencial, o assistente social de animador social e a ajuda social ganha o nome de gerontologia. Os signos do envelhecimento são invertidos e assumem novas designações: ‘nova juventude’, ‘idade do lazer’. Da mesma forma, invertem-se os signos da aposentadoria, que deixa de ser um momento de descanso e recolhimento para tornar-se um período de atividade e lazer. (DEBERT, 2004, p. 61).

O recolher-se aos aposentos, supostamente é isso que se entende com a palavra aposentadoria. Mas parece estar se tornando ultrapassada, observando-se as pessoas que chegam aos 60 anos de vida, os quais mostram, em grande parte, com boa condição física, cognitiva e efetiva e ainda com exigências por qualidade de vida, projetando planos, sem abrir mão da vida aos anos acrescidos a ela. Adotando medidas/técnicas e artifícios para o

[...] “manter-se jovem”, tentando camuflar marcas de “um retrato que é feio em relação aos padrões de beleza que adotam o jovem como símbolo, costumando receber um veredicto de quem produz e de quem o contempla. É o veredicto que assinala a velhice como problema e como doença. (MINAYO, COIMBRA, 2002, p. 12).

Debert (2004, p. 209), em contrapartida, cita uma análise feita por Featherstone (1994, p. 68) sobre mudanças substanciais nas imagens da velhice, principalmente, a partir da adoção de programas por empresas estatais e organizações privadas, que proporcionam a ocupação do tempo dos idosos:

Em edições anteriores (aos anos 80), a aposentadoria era apresentada como uma fase monótona, uma chance para descansar e adquirir hobbies tradicionais. Crescentemente, a apresentação da aposentadoria torna-se mais positiva, enfatizando oportunidades para realizar ou reacender sonhos de juventude, de viagem e de criatividade. A equação nova e positiva enfatizou que capacidade, saúde e atividade são apropriadas para a velhice.

Assim, parece que a sociedade está moldando a velhice, bem como a velhice está moldando a sociedade, como atesta Morin (1989, p. 52): “não é só o ambiente que seleciona e molda o organismo, este também seleciona e molda o ambiente.” Moldando de acordo com o foco que se quer enxergar ou abarcar, pois enquanto muito foi discutido sobre o envelhecer e seu processo, em termos teóricos, aparentemente pensados de um modo mais amplo, o que ainda se percebe é uma visão um tanto reducionista, muito ligada à biologicização da velhice, e por vez, dualista. Segundo Couto e Coutinho (1995, p. 28), “contribui de maneira importante para a manutenção das principais formas de oposição, alienação e dominação.”

Outros, porém, com boa parcela da vida dedicada quase que exclusivamente ao trabalho, geralmente após os 60 anos, quando lhes são concedidos os direitos da

aposentadoria, aparentemente como sendo parte de um processo de desengajamento natural e esperado, uma forma de recompensa à tenacidade de ter contribuído ao desenvolvimento econômico, não sabem ou não encontram o que fazer com esse tempo livre. Cumpre-se o papel social, devolvendo o indivíduo ao seu lar para que este possa gozar de seu tempo livre e ter o ócio como prêmio. E fica por conta da habilidade do sujeito em saber como se adaptar diante desse “novo” estilo de vida. Como lidar com a ociosidade e os anos acrescidos à vida? Em contrapartida, adotar o ócio ou ficar “sem fazer nada” produtivo, que repercussões esse modo de vida poderia ter?

3.3. GRUPOS DE CONVIVÊNCIA NA TERCEIRA IDADE: ESTRATÉGIAS DE OCUPAÇÃO DO TEMPO LIVRE NA VELHICE

3.3.1. ASPECTOS GERAIS SOBRE OS GRUPOS DE CONVIVÊNCIA

Segundo De Masi (2000, p. 246), muitas vezes as pessoas não estão preparadas para ter tempo livre (aposentar-se). E a falta de perspectivas para uma vida ainda produtiva faz com que elas se sintam condenadas a viver na inatividade, “simplesmente esperando a hora de morrer”.

Talvez pela monotonia e a falta de respostas/ocupações/perspectivas que a aposentadoria e o distanciamento do trabalho oferecem ou mesmo pela suposta “domesticação” imposta pelos dias de atividade laborativa, que fato curioso ocorreu com trabalhadores aposentados no Serviço Social do Comércio (SESC). Em 1963, no SESC/Carmo em São Paulo, a partir da observação de Carlos Malatesta, assistente social, havia comerciários aposentados que continuavam a fazer refeições no restaurante daquele centro social e ali permaneciam após o almoço. Então, foi organizado um pequeno grupo, com o objetivo de atender a suas necessidades internas, oferecendo atividades organizadas, a fim de manter as pessoas ativas, ocupadas com algo que viesse ao encontro de suas necessidades de conviver, estar com as outras pessoas, trocar sentimentos e experiências e preencher seu tempo livre. Também foram convidados aposentados das mais diversas profissões por técnicos do SESC, enquanto aguardavam nas filas dos institutos de previdência da época o momento de receberem seus benefícios. Outros idosos, moradores da região, igualmente foram atraídos para essas reuniões. A estes restavam os bancos das praças do centro de São Paulo, principalmente

da Praça da Sé e imediações, como locais para “assistirem à vida passar”. (FERRIGNO, 2006, p. 24-25)

Até início dos anos 60, a questão social dos velhos não constava na agenda da sociedade brasileira. O Brasil era ainda visto como um país jovem. De fato, havia pouco mais de 5% de pessoas maiores de 60 anos. Por seu número relativamente reduzido e pelo isolamento social, esse contingente não possuía suficiente visibilidade. Naquela época, as poucas ações sociais propostas para os velhos tinham um caráter assistencialista, ou seja, serviam somente para suprir algumas carências básicas, como forma de minorar o sofrimento decorrente da miséria e da doença. Nessa perspectiva, “as ações para esse setor confundiam-se com a caridade e, na sua maior parte, efetivavam-se através de instituições asilares, mantidas pelo Estado ou por congregações religiosas, com a finalidade exclusiva de garantir a sobrevivência física do idoso”. (FERRIGNO, 2006, p. 24).

A partir do Trabalho Social com Idosos do SESC, surgem os chamados Grupos de Convivência na Terceira Idade como uma possibilidade de participação social dos idosos e expressão individual de suas capacidades e possibilidades, a fim de agregar mais vida aos anos acrescentados a ela. Esse trabalho foi baseado na observação do programa americano, por técnicos da entidade, os quais conheciam os equipamentos de lazer para pessoas nessa faixa etária.

Mas os primeiros relatos quanto ao trabalho de atendimento às pessoas idosas em centros de convivência, segundo Attias-Donfut (1976, p. 1-10), surgiram nos EUA, na década de 40. Em 1966, a Administration on Ageing e o National Council on Ageing contabilizaram 340 Senior Citizen Centers naquele país e, em 1970, mais de 1.200. Na França, em 1975, havia cerca de 7.000 clubes para pessoas idosas. (FERRIGNO, 2006, p. 24).

A intenção desses centros de convivência era favorecer a ocupação mais adequada do tempo livre e manter o nível de socialização das pessoas, as quais, liberadas do trabalho profissional, buscavam viver adequadamente o tempo de sua aposentadoria. Essas associações de idosos eram denominadas The Golden Age (SALGADO, 1982). No Brasil, além do SESC, dois outros programas foram

precursores: a Legião Brasileira de Assistência (LBA) e as Universidades para a Terceira Idade.

Apesar da diversidade de propostas, da diferença no interior do público mobilizado, a tônica geral é rever os estereótipos e os preconceitos por meio dos quais se supõe que a velhice seja tratada na sociedade. Os programas são inspirados no Plano de Ação Mundial sobre o Envelhecimento e concebem o idoso “como um todo integrado, necessitando de um atendimento especializado e que, ao mesmo tempo, busca reencontrar seu lugar na sociedade, recuperando, assim sua autoestima. (DEBERT, 2004, p. 147).

No Brasil, após o I Seminário Nacional sobre o Idoso, ocorrido em Brasília no ano de 1976, surgiram propostas e iniciativas semelhantes às do SESC. Mas foi somente a partir de 1980 que se expandiram no país, com maior efervescência, os grupos de terceira idade. Desde então, os grupos de convivência de idosos vêm proliferando em clubes, paróquias, associações comunitárias, centros de saúde e instituições de ensino superior. Nos anos 80, por iniciativa de instituições de ensino superior, aos centros de convivência se somaram as faculdades abertas à Terceira Idade, objetivando, além da socialização, incrementar os conhecimentos dos idosos sobre si mesmo e sobre o mundo em cada vez mais aceleradas transformações.

3.3.2. PARTICULARIDADES DOS GRUPOS DE CONVIVÊNCIA

Os primeiros Grupos de Convivência de Idosos caracterizaram-se fundamentalmente pelas atividades sociais, esportivas e recreativas, com uma programação que oferecia aos idosos uma série de oportunidades “descontraídas para a socialização: jogos de salão, gincanas, animações, musicais dançantes, bailes, passeios – trazendo como benefício à sensação de bem-estar físico e emocional decorrente dessas atividades”. (SESC, 2003, p. 46). Comemorações de “aniversário, bailes, festas, passeios, além de jogos de salão constituíram-se nas primeiras atividades de lazer”. (FERRIGNO, 2006, p. 25).

Para Sant’Anna (2000, p. 60), na atualidade, os grupos têm por princípio básico defender a ideia de que a ocupação do tempo é a melhor forma de impedir as doenças geriátricas. “É a partir desse princípio que tudo se organiza nesses grupos: passeios, festas, cursos de atualização, conhecimentos, ginásticas, etc.”

Segundo Araújo e Carvalho (2004, p. 13), os grupos de convivência se mostram como uma das muitas alternativas de inserção dos idosos nos espaços sociais,

“um projeto alternativo crescente, proporcionando-lhes o exercício de seus papéis de cidadãos, além de contribuir para o aumento da autoestima, reafirmando sua cidadania e motivação”. Lima (1999) destaca que uma imagem positiva da velhice vem sendo resgatada, também, por meio de programas, como os desenvolvidos pelas Universidades Abertas da Terceira Idade (UnATIs) e grupos de aposentados. Reforça que essas estratégias de ressocialização do idoso aparecem como meio de enfrentamento da velhice estereotipada socialmente.

Curiosamente, durante o funcionamento dos primeiros grupos, a participação era exclusivamente masculina. Aos poucos, as esposas dos participantes foram se incorporando e hoje, como ocorre em quase todos os núcleos de Terceira Idade do país, as mulheres são a maioria, fenômeno esse que Carmen Delia Sánchez Salgado (2002, p. 7) chama de “feminilização da velhice”, outra particularidade e característica dos grupos existentes na atualidade.

Além da maior longevidade feminina, outras hipóteses surgem para explicar essa inversão na participação de mais idosos do gênero feminino. Os homens tendem a trabalhar durante mais tempo, muitos supervalorizam o trabalho, não se permitindo atividades de lazer, atitude que os afasta dos grupos de convivência. Certas atividades realizadas nos grupos, como ginástica, dança, artesanato, teatro, parecem ter um caráter mais “feminino” na avaliação dos homens. Ainda, embora o perfil da pessoa idosa esteja mudando, os homens, nessa fase da vida, ocupam com maior desembaraço os espaços públicos, como praças e bares.

A maior participação feminina pode também ser compreendida com base na hipótese de que:

O ambiente pode favorecer ou inibir a expressão destes ou daqueles caracteres genéticos num indivíduo’ (Morin, 1989, p. 61). O paradigma da terceira idade é a inibição do paradigma biológico que informa aos indivíduos de uma espécie que perderam sua capacidade reprodutiva, que eles não têm mais serventia e podem ficar para trás. Talvez isso ajude a explicar por que a grande maioria das pessoas que participam das atividades de terceira idade seja mulheres. Outra possibilidade da menor presença masculina [...] e das dificuldades de se implantar programas de atividades lúdicas está na fetichização do mundo do trabalho pelos homens. (BAGGIO; VIEIRA, 2003, p. 17).

Paralelamente às iniciativas para ocupação do tempo na velhice e uma possível mudança de imagem, proveniente da Europa, surgiu no contexto uma nova expressão, a chamada “terceira idade”. Originária da França como consequência de políticas de

integração dos idosos, bem como estratégia para designar um vocábulo mais respeitoso aos jovens aposentados franceses. Debert (2004, p. 138) explica o surgimento dessa expressão no Brasil:

“Terceira Idade” é uma expressão que, recentemente popularizou-se com muita rapidez no vocabulário brasileiro. Seu uso corrente entre os pesquisadores interessados no estudo da velhice não é explicado pela referência a uma idade cronológica precisa, mas por ser essa uma forma de tratamento das pessoas de mais idade, que não adquiriu ainda uma conotação depreciativa. A expressão originou-se na França – país onde os primeiros gerontólogos brasileiros foram formados – com a implantação, nos anos 70, das “Universités du Troisième Age”.

Terceira Idade como forma de promover a “libertação” do velho, passando esse a ser visto como alguém com necessidade de atividades culturais e psicológicas, o que leva à “normalização” do “problema social”, ou seja, “fazer aceitar como “normal” um novo estado das relações entre gerações, ainda que seja pelo fato de lhe dar um nome oficial e de inventar novas normas para orientar a vida cotidiana e as atividades associadas a essa “nova idade da vida”. (GAGLIETTI; BARBOSA, 2007, p. 142).

Nessa concepção, Barros (1998, p. 153) colabora, dizendo que “a terceira idade converte-se em uma nova etapa da vida, em que a ociosidade simbolizada a prática de novas atividades, sob o signo do dinamismo.” Será que a mudança de expressões é capaz de mudar uma realidade? O dualismo existente acabaria por mais uma vez dividir, ou se está na categoria dos “velhos” (conotação depreciativa) ou se é idoso (conotação melhorada)? Quais seriam as implicações de se mudar a expressão Grupo de Convivência para a Terceira Idade por Grupo de Convivência para Velhos? Ou mesmo, será que todos os velhos terão recursos financeiros e/ou condições físicas para essas novas exigências requeridas pela sociedade?

Park e Groppo (2009, p. 22) fazem importante reflexão sobre a crescente adesão semântica de termos relacionados ao envelhecimento humano, contrapondo-os à ordem natural e inegável do tempo.

O termo velho virou ‘pejorativo’. E nem mesmo o termo ‘idoso’ pareceu suficiente, soando mais como um eufemismo. Quis-se identificar a emergência então de uma ‘Terceira Idade’. Alguns até preferem ‘A Melhor Idade’, pretensa idade do descomprometimento, suposto tempo para tão somente retomar projetos abandonados, em outrora. Por um lado, o velho deixava de ser visto como velho, sem deixar de o ser, pois é inegável que o tempo traz mudanças no corpo, na mente e no comportamento, mudanças estas que envelhecem o ser, o pensar e o relacionar-se, e que desgastam tanto quanto fazem acumular experiência.

Sobre as estratégias para ocupação do tempo livre na velhice, a Organização Mundial de Saúde adotou o termo “Envelhecimento Ativo”, este preconiza que o idoso

deve ser estimulado a utilizar plenamente sua capacidade física, social e mental como ator social de acordo com suas necessidades, desejos e possibilidades ou receber proteção e cuidados quando necessário. Nesse sentido, o envelhecimento ativo pode ser definido como a participação do idoso na vida social, cultural, econômica, familiar, espiritual e civil, mesmo após aposentado. (WHO, 2002).

Dessa forma, os grupos parecem ter adotado uma perspectiva configurada pelo termo “ativo”. Com o decorrer do tempo, práticas de exercícios físicos e recreativos, cuidados ao corpo, ideia de que para se “ter saúde” é preciso “uma mente sã num corpo sã”, parecem prevalecer. Além disso, possivelmente, mantendo-se ativo, em movimento, está linearmente sendo promovido um equilíbrio saudável no modo de vida. Assim, com este certo condicionamento, as pessoas idosas “ativas” têm como resultado o “bem-estar da velhice⁵”, assegurando-lhes o chamado “envelhecimento bem-sucedido⁶”. Corroborando com a formulação da Teoria da Atividade, surgem hipóteses a fim de explicar o que pode proporcionar o “manter-se ativo”:

⁵ Em relação às iniciativas e aos discursos que envolvem a terceira idade, torna-se oportuno mencionar a análise crítica feita por Johannes Doll (2005, p. 9) acerca dos mitos e verdades sobre a expressão “bem-estar na velhice”, afirmando que: “sobre o bem-estar na velhice, pode-se mencionar o discurso científico gerontológico, que destaca hoje a importância dos fatores saúde, relações sociais e situação econômica para o bem-estar. Mas o que necessita ser considerado na discussão sobre os mitos e verdades do bem-estar na velhice é a perspectiva das próprias pessoas idosas: o sentido que elas dão a sua vida – sua espiritualidade – pode desafiar um discurso gerontológico sobre o bem-estar na velhice.”

⁶ Como um conceito central da gerontologia, a expressão envelhecimento bem-sucedido foi mencionada pela primeira vez por Robert. J. Havighurst, no periódico *The Gerontologist*, em 1961 (MOTTA et al., 2005). Em 1987, Rowe e Kahn propuseram a distinção entre envelhecimento típico e bem-sucedido, sugerindo que o estudo dos determinantes desse processo deveria observar os indivíduos com características fisiológicas e psicossociais consideradas acima da média. Na década de 1990, pesquisas buscaram identificar os determinantes do envelhecimento bem-sucedido, utilizando medidas objetivas e tentativas de operacionalização do fenômeno. Discute-se também qual seria o termo adequado para designar essa condição, pois, no final da década de 1990, a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2005) substituiu a expressão envelhecimento saudável por envelhecimento ativo, definindo o processo como “otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas”. Definição de envelhecimento bem-sucedido os prováveis indicadores do sucesso: satisfação com a vida, longevidade, ausência de incapacidade, domínio/crescimento, participação social ativa, alta capacidade funcional/independência e adaptação positiva. Os fatores preditores variaram, destacando-se: nível educacional elevado; prática de atividade física regular; senso de autoeficácia; participação social e ausência de doenças crônicas. (TEIXEIRA; NERI, 2008).

A primeira aponta que as pessoas mais velhas e ativas são mais satisfeitas e mais bem ajustadas do que aquelas que são passivas. Já a segunda hipótese estaria vinculada ao fato de que pessoas mais velhas podem vir a substituir perdas de papéis por novos, para manterem seu lugar na sociedade. Assim, à medida que as pessoas vão saindo do mercado de trabalho, ou mesmo que vão deixando de ocupar papéis sociais, as pessoas mais velhas buscariam atividades compensatórias àquelas anteriores. Tais atividades têm como finalidade trazer maior satisfação à vida das pessoas adultas maduras e idosas, tornando-as mais ativas. A teoria da atividade, a partir da sua formulação, influenciou comportamentos de pessoas mais velhas e também contribuiu para o surgimento de políticas públicas nos anos 70, permitindo maior flexibilidade para o surgimento de movimentos sociais, centros de lazer e da educação não formal para adultos maduros e idosos. (DOLL et al., 2007, p. 12).

Transpassando tais questionamentos, o que se pode notar é que

[...] nos anos 60 e 70, o trabalho com idosos nos grupos tinha por objetivos oportunizar o estabelecimento de vínculos de amizade, compartilhando preocupações, angústias, sonhos e expectativas com aqueles que viviam problemática semelhante. Promovendo a qualidade de vida, o exercício da cidadania e a socialização do idoso. [...] Acima de tudo, os grupos de convivência respondem à necessidade básica do ser humano, em qualquer fase da vida, de se sentir pertencendo a uma determinada geração. (FERRIGNO, 2006, p. 26-28).

Não tirando o mérito quanto aos objetivos e os resultados que o trabalho realizado para idosos oportunizou e sua importância, em função da interação social e a formação de amizades que a convivência com seus semelhantes pode promover, trocas de experiências, podendo minorar angústias, preocupações provocadas pela idade. Mas não se pode deixar de considerar que tal programa foi moldado a partir do contexto europeu, que se difere das particularidades encontradas na situação brasileira e mais, o crescimento da população idosa, nesses países, deu-se em proporções diferentes, enquanto nos países desenvolvidos ocorreu de modo atenuado, nos países em desenvolvimento, vem acontecendo em proporções aceleradas. Por conseguinte, os países em desenvolvimento são favorecidos nesse aspecto, pois podem se adequar melhor, adotando medidas, conforme as necessidades de cada faixa etária.

Outro aspecto em que se diferenciam é que “enquanto a clientela dessas instituições na Europa, é constituída em grande parte por pessoas com formação superior, encontramos no Brasil muito mais pessoas de classes menos favorecidas” (DOLL, 2002, p. 48). Será que as estratégias montadas/oferecidas se adequam a realidade brasileira? Qual a real intenção dos programas voltados às pessoas idosas?

Neste momento, convém lembrar que possíveis intempéries podem ser geradas em função da segregação de idosos, principalmente no risco de um fechamento excessivo de tais grupos em si mesmo, evitando a interação com pessoas de outras faixas etárias, formando possíveis “guetos etários”. (FERRIGNO, 2003, p. 206). Em

nossos dias é cada vez mais reafirmada a importância do contato entre as gerações, em virtude da troca de conhecimentos e valores da sociedade. Por isso, torna-se uma ideia um tanto desarmoniosa pensar que os grupos surgem com caráter socializador, talvez seja mais correto falar em ressocializar, afinal, boa parte dessas pessoas teve intensa vida de relações sociais, empobrecida posteriormente, por fenômenos como aposentadoria, emancipação dos filhos, viuvez, distanciamento de vizinhos e amigos, etc., mas que mesmo assim continuam com outras formas de interação social.

E mais, o que parece estar acontecendo é que as discussões em torno da velhice mais contribuem para que ela se torne uma etapa diferenciada no processo de construção do curso de vida moderna, construído a partir de um processo que compartimenta a vida em faixas etárias distintas. Pode colaborar ainda mais com uma visão dualista, que tem suas origens no racionalismo, com a

[...] criação de mecanismos discriminatórios que consistem em conferir aos indivíduos um significado que consiga abarcar o que eles devem ser ou vir a ser. Nesse sentido, categorias são impostas, cabendo aos indivíduos aceitá-las e identificar-se com elas, a fim de serem reconhecidos e se reconhecerem. Isto é, a sociedade, ao impor formas de categorizar as pessoas, estabelece atributos – condutas esperadas – para seus membros e a presença ou a ausência desses atributos irá determinar o seu grau de aceitação social (COUTO; COUTINHO, 2006).

Em virtude dessas reelaborações na terceira idade cada vez mais surgem novas alternativas, um conjunto de profissionais e produtos para atender à demanda dessa população consumidora. A mercantilização do envelhecimento passou a ser alvo da mídia, com visões romantizadas e por vez utópicas, principalmente com esforços direcionados ao “manter-se jovem”, sendo esta uma etapa em que tudo é permitido, conferindo-lhe um grau de contentamento e satisfação. Sobre o assunto, Featherstone (1992, apud DEBERT, 2004, p. 20) contribui:

Concepção autopreservacionista do corpo que encoraja os indivíduos a adotarem estratégias instrumentais para combater a deteriorização e a decadência (aplaudida pela burocracia estatal, que procura reduzir os custos a saúde educando o público para evitar a negligência corporal) e agrega a essa concepção a noção de que o corpo é um veículo de prazer e da autoexpressão.

Não se pode desconsiderar a importância do cuidado com corpo, mas olhar quase que exclusivamente por esta direção parece um olhar ilusório/ingênuo, abrangente somente para uma parcela da população idosa brasileira. O que pode vir a tornar os grupos ainda mais segregados, e por assim dizer, querendo promover uma uniformidade que se sabe ser inexistente frente às realidades/particularidades de cada sujeito em

qualquer idade. Principalmente, considerando-se como cada um reage ao processo de envelhecimento humano. Seria quase que uma receita, um molde ou talvez um “padrão ouro” de como se deve encarar e o que fazer diante das mudanças relativas ao avanço etário.

Além disso, as ideias que ainda parecem impregnar os trabalhos com a velhice partem do pressuposto de que os indivíduos devem se identificar como velhos, de modo a criar uma solidariedade com os outros velhos e lutar para melhorar as condições da velhice. Trata-se de um modo de homogeneizar, disciplinar e convencer as pessoas de que elas são velhas ou que devem se preparar para a velhice e depois, então, convencê-las de que não devem se comportar como velhos, e que é possível ser eternamente jovem.

Ou mesmo, pensar que as “ferramentas” foram/estão sendo mostradas/dadas (campanhas publicitárias, novos termos, distribuição de medicamentos, criação de mais grupos/espacos geracionais, etc.) e com base nelas, caberia a cada um escolher um estilo de vida para ter um envelhecimento bem-sucedido. Parece um tanto momentâneo esse pensamento e passa a desconsiderar todo um entorno e suas inter-relações. Por exemplo, os velhos que não conseguem fazer atividades? E os que não conseguem ir até os grupos? Os portadores de necessidades especiais? Ou mesmo, os que não gostam das atividades disponibilizadas? E se está ocorrendo uma feminilização nos grupos, de que forma os homens são auxiliados nas suas experiências/frustrações/angústias? Quem se pretende realmente mobilizar com tais programas? Preservando/Valorizando a figura jovial, será que não se acabaria por se excluir ainda mais a figura/marca/ruga/andar cadenciado por vez característico de muitos idosos?

3.3.3. ATUAÇÃO PROFISSIONAL E POSSÍVEIS ELEMENTOS EDUCACIONAIS/ PEDAGÓGICOS NAS AÇÕES DESENVOLVIDAS AO ENVELHECER HUMANO

O envelhecimento, humano concebido como uma construção social e revestido de fatos e fenômenos cumulativos, parece cada vez mais exigir um novo modo de pensar e agir. É necessário compreender os múltiplos determinantes, que envolvem a velhice e, de modo incisivo, considerar o processo de envelhecimento como um

conjunto de variáveis inter-relacionadas entre si e que determinam as condições de uma pessoa, em um determinado momento.

Até a década de 1940, a atenção e a atuação no campo do envelhecimento humano se limitavam quase que, basicamente, às questões referentes à saúde, intervenções curativas dos problemas identificados, geralmente patologias tidas como senis. A partir daí, as ações ganham um âmbito mais multidisciplinar, estendendo-se além dos limites dos consultórios médicos, ganhando maior espaço nas relações e nos serviços sociais. A geriatria, campo da medicina preocupado em encontrar meios de retardar os efeitos do envelhecimento humano, ramifica-se e dá espaço à “gerontologia” – termo composto por gero (velho) e logia (estudo ou conhecimento). Entendida como um campo científico “multi e interdisciplinar, cujas finalidades são o estudo das pessoas idosas, as características da velhice enquanto fase final do ciclo de vida, o processo de envelhecimento e seus determinantes biopsicossociais.” (PAPALÉO, 2002, p. 7)

É difícil saber em que grau o discurso gerontológico influenciou no conjunto de práticas sociais e nas políticas voltadas a essa população. O fato é que, desde os anos 80, as questões relacionadas ao envelhecimento humano ocupam cada vez mais espaço entre os temas que preocupam a sociedade brasileira. Nas revistas, associações, formações universitárias e pós-universitárias, congressos, mídia. No Brasil, o envelhecimento humano passa a receber tratamento acadêmico, transformando-se tema de pesquisa e estudo no interior das universidades.

Em consequência, há abertura de espaços destinados a iniciativas que procuram assegurar um envelhecimento bem-sucedido, como as estratégias para ocupação do tempo livre, os programas para a terceira idade, como foi abordado no capítulo anterior, e no aumento de pesquisas que buscam compreender as práticas desenvolvidas com idosos. Nessas práticas, muitas vezes, tratam a velhice “como uma questão de autoconvencimento, e os gerontólogos passam a ser divulgadores de um elenco de formas de manutenção corporal e terapias com a pretensão de indicar como os que não se sentem velhos devem comportar-se.”(DEBERT, 2004, p. 204)

Além das questões fomentadas pelos “especialistas em envelhecimento humano”, cada vez é maior o interesse, a necessidade do treinamento e a educação para os profissionais em diferentes áreas do saber, com o propósito de gerenciar e trabalhar

em programas para as pessoas idosas ou em vias de envelhecimento. Destaca-se a atuação profissional e o trabalho desenvolvido nos grupos de convivência para a terceira idade, os quais estão mais voltados ao trabalho de utilização do tempo livre e sua ocupação pelo lazer. Assim, proporcionam momentos de lazer, por meio de atividades recreativas, promovendo aos idosos contentamento e satisfação, a fim de dissipar a possível solidão pela interação social/convivência.

É oportuna uma alusão a Popper (1975, p. 74), conforme quem, “em cada estágio da evolução da vida temos de supor a existência de algum conhecimento sob a forma de disposições e expectativas.” Em se tratando da atuação e do trabalho profissional desenvolvido nos grupos de convivência, esse pode ser entendido, mesmo que de maneira implícita, como uma intervenção ou ação educativa, podendo ser considerado como “um processo intencional que busca levar outras pessoas a certo tipo de comportamento.” (DOLL, 2008, p.). “Às vezes nem sequer se percebe que por meio de uma atividade em grupo, interessantes experiências educativas se processam espontaneamente.” (PARK; GROPPPO, 2009, p. 18)

Trata-se de um tipo de educação informal, entendendo como “uma gama de toda a aprendizagem que realizamos, que acontece sem que haja um planejamento específico e, muitas vezes, sem que nos demos conta. Acontece ao longo da vida, constitui um processo permanente e contínuo e não previamente organizado.”(FERRIGNO, 2009, p. 272).

Nos grupos de convivência, a ação pedagógica que parece ser desenvolvida pelas atividades caracteriza-se pela intencionalidade, visando a um ou a vários objetivos, os quais devem ser alcançados e orientados por um certo saber, que fundamenta as intervenções no sentido de dar uma ideia sobre os efeitos e as consequências de determinadas ações. Para Doll (2002, p. 72), a “intervenção educacional existente, pode-se chamar de “princípio da esperança” em que se propõe alguma atividade, esperando que seja boa e avaliada como positiva, se as pessoas participantes estiverem felizes e contentes”. Essa atuação, sem maiores preocupações com os objetivos a serem alcançados é, no fundo, compreendida como “antipedagógica, porque abre mão exatamente da intencionalidade do processo educativo.” E mais, o autor alerta sobre “O perigo de criar “ilhas da felicidade”, que podem representar mais

uma fuga do que uma transformação da realidade individual.” (DOLL, 2002, p.72). Ou ainda simbolizarem, na concepção de Minayo (2002, p. 12), “festinhas da terceira idade”, provocando uma infantilização dessa etapa da vida.

Embora autores argumentem em torno da integração e participação social dos idosos, ao frequentarem os grupos, não desconsiderando seus benefícios, alertam acerca de ações desenvolvidas/oferecidas, nas quais transparecem um caráter momentâneo, e de certo modo, ingênuo. Essas ações serviram muito mais para abastecer um discurso utópico, do que realmente promover “integração, inclusão social e envelhecer saudável” de pessoas ou grupos. Muitas vezes, desconfiguram a ação pedagógica, a dimensão ética e moral da educação das pessoas da terceira idade, as quais poderiam tornar-se apropriadas, mas sequer criam condições à construção de um novo paradigma para a terceira idade e com base nele, propor instrumentos de intervenção educativa, com práticas consistentes e apropriadas à dinâmica social.

3.3.4. ABORDAGEM GERAL SOBRE OS GRUPOS DE CONVIVÊNCIA DE PASSO FUNDO

Passo Fundo é uma cidade com 154 anos de emancipação política. Localiza-se no Planalto Médio, ao norte do Rio Grande do Sul. Conforme censo de 2010, conta com uma população de 184.869 habitantes, dos quais, 180.159 vivem na zona urbana e 4.710 na zona rural (IBGE). Desse universo, aproximadamente, 14 mil estão com 60 anos ou mais. O município apresenta importantes serviços de referência, principalmente na área de atendimento a doenças e serviços educacionais, fazendo com que um grande fluxo de pessoas vindas de outros locais procure esses recursos.

Dentre os destaques, encontra-se a Universidade de Passo Fundo (UPF), que se caracteriza como comunitária e regional. Foi na UPF que se iniciaram as primeiras ações e discussões acerca da terceira idade, em nível regional, a partir de atividades desenvolvidas junto ao Centro de Estudos e Atividades para a Terceira Idade (CREATI)⁷. Criado em setembro de 1990, com o objetivo de

⁷ As informações tecidas, neste momento, fazem parte dos registros encontrados na Secretaria de Assistência Social do município, não foram publicados, estão sendo agrupados para posterior publicação como forma comemorativa dos seus 15 anos de criação.

[...] aprimorar o conhecimento da identidade na terceira idade através de pesquisas, do ensino de graduação e pós-graduação e da extensão e aperfeiçoar a sociedade em suas relações com a preparação para a longevidade e para com a população idosa. Além de, oportunizar à população idosa do município e da região situações de convivência, aprendizagem e serviço, com vistas a resgatar a cidadania e a dignidade do idoso, bem como viabilizar pesquisas e atividades de caráter multiprofissional. (DAUDT, 1999, p.32).

Em 1993, o Creati estendeu suas atividades às vilas de Passo Fundo como resultado de um projeto firmado em parceria, entre a UPF (Universidade de Passo Fundo) e a Prefeitura Municipal. Foi deste centro que se fizeram novos grupos de terceira idade nos bairros da cidade. Estes grupos de convivência, num primeiro momento, eram chamados de “Creati nas Vilas” e funcionavam oito grupos. Em 1996, esses grupos nos bairros passaram a se chamar DATI (Divisão de Apoio à Terceira Idade), com onze grupos. Nesse projeto nos bairros, a prefeitura acabou exercendo maior autoridade, na parte administrativa e coordenação, a universidade prestava serviços de assessoria técnica, com enfermeiros e especialistas em gerontologia.

Em 2000, estava com vinte e nove grupos e atualmente conta com mais de cinquenta grupos espalhados pela cidade e interior do município, com participação de, aproximadamente, 5 mil idosos. Esse projeto tem como finalidade promover ações com vistas à melhoria da qualidade de vida dos idosos do município, com atividades físicas, recreativas. Essas atividades geralmente ocorrem em ginásios e salões comunitários, distribuídos em bairros da cidade e interior duas vezes durante a semana. Em um local fixo e exclusivo junto à Secretaria de Assistência Social, são realizados encontros, palestras, reuniões. E durante a semana, ocorrem as oficinas de artesanato, atividade neurocerebral, música, alongamento e oficina literária.

Os programas e projetos articulados têm o registro dos seus objetivos, os quais foram formulados em 2001, sendo o principal: possibilitar um trabalho integrado, interinstitucional, interdisciplinar e intersetorial, de atenção ao idoso, levando em consideração os determinantes sociais, biológicos, econômicos e ambientais da saúde. E os Objetivos Específicos: 1) Propiciar a inserção do idoso no seu contexto social e fortalecer sua cidadania. 2) Oportunizar integração entre os diversos grupos urbanos e rurais. 3) Desenvolver atividades voltadas para idosos, em parceria com seus familiares e comunidade. 4) Contribuir para a formação de recursos humanos, atenção ao idoso. 5) Avaliar a contribuição das práticas de atividades físicas e sociais já implementadas nos grupos de terceira idade. 6) Implementar novas práticas educativas em cada grupo. 7)

Criar novos espaços de atenção à pessoa idosa. 8) Fortalecer e estimular iniciativas de integração de gerações. 9) Formar grupos de autoajuda com pessoas em condição crônica de saúde. 10) Desenvolver um processo de prática educativa em cada grupo de terceira idade. 11) Desenvolver encontros de arteterapia. 12) Incentivar iniciativas surgidas nos próprios GTIs, as quais visem à promoção e à integração da pessoa idosa na família e na sociedade e na resolução de problemas da sua comunidade. 13) Promover intercâmbio dos grupos de terceira idade com as escolas e a comunidade. 14) Promover estudos e debates sobre a atenção à população idosa do Município de Passo Fundo. 15) Contribuir para a elevação dos níveis de saúde física e mental de pessoas idosas, utilizando os recursos e alternativas existentes no Município. 16) Zelar pelo bom atendimento nas casas que abrigam os idosos com fins lucrativos e as assistenciais.

Embora tenha sofrido uma ampliação, a essência do projeto continua articulado em rede. Essas atividades passam a ser organizadas dentro de programas, entre eles: programa de atividade física, programa de atenção à saúde do idoso, programa de animação sociocultural e programa do idoso-cidadão.

Além do CREATI e do DATI, como precursores de iniciativas quanto a atividades para idosos, durante este tempo, três grupos foram se constituindo a partir do interesse de entidades particulares do município. Com um público menor, constituído primordialmente por associados, estes realizam atividades semelhantes, sendo eles Grupo de Terceira Idade do Clube Recreativo Juvenil (CREJUTI), Grupo de Terceira Idade do Clube Caixeiral Campestre (CAMTI) e o Grupo Maturidade Ativa (SESC), localizados no centro e em bairros do município.

4. ANÁLISES E REFLEXÕES DA PESQUISA

4.1. MAPEAMENTO GERAL DOS GRUPOS DE TERCEIRA IDADE ENVOLVIDOS NA PESQUISA

No ambiente dos grupos de convivência para a terceira idade, mais de 1.400 idosos realizam atividades orientadas/dirigidas por treze profissionais entrevistadas. Distribuídos em mais de vinte grupos, os participantes são, na sua maioria, do sexo feminino (cerca de 1.300 mulheres e 170 homens inscritos) com idades entre 40 e 89 anos. De modo geral, com diferentes níveis de escolaridade, sendo a maioria do ensino fundamental e médio e poucos com nível superior (não há registros quanto a estes dados, foi constatado com o relato das profissionais). As atividades, predominantemente, ocorrem duas vezes na semana, com duração de aproximada de três horas por tarde, sendo realizadas em centros e ginásios comunitários, distribuídos na zona urbana e rural do município, com grupos que variam de 10 a 107 inscritos. Cinco profissionais entrevistadas realizam atividades paralelas em cinco instituições asilares com, aproximadamente, 80 idosos uma vez na semana.

As atividades disponibilizadas e desenvolvidas com os idosos nos grupos de convivência incluem, conforme descrição das profissionais:

“Chamada (lista de presença), avisos, oração, aquecimento geral, alongamento e atividade física (trabalho com bastão, bola, borracha). Atividade recreativa, brincadeiras. Exercícios para a memória. Eu prefiro trabalhar ginástica, brincadeiras mais lúdicas, bastante coisa para memória. Dança. Mensagens.”

(Profissionais A1, B2, C3, F6, I9)

“Lá (nos grupos de convivência) segue uma rotina que nos foi colocada. Pega faz a chamada, oração ou mensagem e parte para a atividade física.”

(Profissional E5)

Essas atividades, conforme já descrito, geralmente ocorrem em ginásios e salões comunitários, distribuídos em bairros da cidade e interior duas vezes durante a semana.

Em um local fixo e exclusivo junto à Secretaria de Assistência Social, são realizados encontros, palestras, reuniões. E durante a semana, ocorrem as oficinas de artesanato, atividade neurocerebral, música, alongamento e oficina literária. Além de, nas sextas-feiras, serem realizados jogos recreativos para os idosos que querem

participar deles. E em alguns finais de semana, são oferecidos bailes para a terceira idade, nos bairros e interior do município e em outras cidades.

Ao abordar o universo onde os profissionais atuam pode se perceber que o contingente de pessoas influenciadas pelas atividades é maior do que o número de participantes. A partir da compreensão de que “tudo é tecido em conjunto”, as redes de relações existentes na vida destes indivíduos (família, amigos, vizinhos, etc.) podem, de modo direto ou indireto, estar sendo influenciadas com o trabalho realizado pelos profissionais nos grupos de convivência. Bem como, os profissionais estão delineando seus perfis a partir da influência dessas inter-relações com os idosos. Aos quais, com a experiência mútua, e com a “convivência” nos grupos possivelmente estarão compartilhando informações e construindo (ou reconstruindo) compreensões, concepções e perspectivas em relação ao processo de envelhecimento humano.

Então, quem são os profissionais que trabalham nos grupos de convivência para a terceira idade? Que formação têm? Com base em que conhecimentos fundamentam suas ações (por ações entenda-se o que pensam, o que fazem, por que o fazem, como planejam e avaliam o que fazem)? Qual é a natureza desses saberes? Como são construídos? São, por exemplo, conhecimentos científicos, saberes eruditos e codificados como os encontrados nas disciplinas universitárias ou currículos escolares? Ou são conhecimentos técnicos, saberes de ação, habilidades de natureza artesanal adquiridos, através da experiência de trabalho? Trata-se de conhecimentos racionais, baseados em argumentos? Ou se apoiam em crenças implícitas, em valores e/ou na subjetividade do profissional, adquiridos na experiência pessoal, da formação recebida num instituto, numa escola, numa universidade, com base no contato com os profissionais mais experientes, ou de outras fontes, ou nas experiências diárias? Ou tudo isso junto? Como a formação dos profissionais, seja na universidade ou em outras instituições, pode levar em consideração e até integrar os saberes na formação de seus pares? E mais especificamente, quais os possíveis desdobramentos que a compreensão dessa gênese do conhecimento profissional pode promover no processo de envelhecimento humano?

4.2. NO DECORRER DA CONVERSA TRAÇOS DOS PERFIS PROFISSIONAIS VÃO SE DELINEANDO

O delineamento do perfil dos profissionais dentro dos grupos de convivência para a terceira idade tende a ser construído por um somatório de condicionantes. Dentre eles, a formação acadêmica, que parece definir o tipo/modo de atividade usado pelos profissionais no trabalho com os grupos. Porém, o ser humano é resultado de uma série fatores, a qual influencia ou influenciou na sua maneira de atuação: os fatores genéticos, ambientais, da família, da sociedade em que está inserido, fatores culturais, éticos, históricos, econômicos, burocrático, da sorte ou azar, de escolhas pessoais, etc. As diversas formas de construção de conhecimentos acabam por promover distintos traços/características no comportamento dos profissionais no trabalho com idosos, e que podem derivar desdobramentos na compreensão e atenção ao processo de envelhecimento humano.

Adentrando nas características das pessoas que desenvolvem atividades para o público idoso, algumas informações com caráter objetivo puderam ser agrupadas, sob forma de tabelas, e junto aos dados subjetivos, serão introduzidos e discutidos no decorrer da análise. Assim, o texto foi separado em subtítulos, uma abordagem um pouco mais didática, que dá enfoque aos assuntos propostos, mas todos se complementam e se entrelaçam, dando base para delinear as características das profissionais e do trabalho realizado com os idosos.

A primeira tabela traz os dados de identificação do profissional, o local e o tempo de atuação no grupo de convivência e a segunda tabela expõe aspectos relacionados à formação acadêmica e possíveis formações complementares. Estes dados foram questionados a todos os profissionais entrevistados, pois parecem importantes, e pertinentes para o delineamento do perfil dos profissionais. Visto que o tempo de atuação com idosos nos grupos de convivência, a formação acadêmica e possíveis cursos complementares parecem possíveis condicionantes para a forma de atuação e compreensão sobre o processo de envelhecimento humano.

Tabela 1 - Dados referentes a formação dos profissionais entrevistados que atuam em Grupos de Convivência para a Terceira Idade (GCTI).

Profissional	Formação acadêmica	Instituição de ensino	Ano de conclusão	Pós graduação (stricto e/ou lato sensu)	Instituição de ensino	Ano de conclusão
A1	Educação Física	UPF	2009	-	-	-
B2	Educação Física	UPF	1999	-	-	-
C3	Educação Física	UPF	1999	-	-	-
D4	Letras	UPF	2006	Mestrado em Letras	UFRGS	2008
E5	Educação Física	UPF	1990	Especialização em Medidas de Avaliação	UEL	2005
F6	Educação Física	UPF	1990	Especialização em atividade física e qualidade de vida	UPF	2004
G7	Educação Física	UPF	2001	Especialização em atividade física e qualidade de vida	UPF	2005
H8	Educação Física	UPF	1982	-	-	-
I9	Educação Física	UPF	2002	Especialização em Gerontologia Social	UPF	2007
J10	Educação Física	UPF	2002	Reeducação Postural Global	Gama Filho	2007
L11	Administração de Empresas	UPF	Em andamento	-	-	-
M12	Educação Artística	UPF	1998	-	-	-
N13	Ciências Biológicas e Psicologia	UPF	2005	-	-	-

Fonte: Dados coletados com os profissionais atuantes em GCTI do município de Passo Fundo, NO período de 04 de outubro de 2010 a 23 de novembro de 2010.

4.2.1. TRAÇOS DE UM PERFIL MARCADO PELA FORMA COMO OS PROFISSIONAIS CONSTROEM SEUS CONHECIMENTOS SOBRE O ENVELHECIMENTO HUMANO

Em relação ao perfil das profissionais que trabalham com os idosos, todos são do gênero feminino, bem como estudaram na mesma instituição de ensino e a grande maioria apresenta formação acadêmica igual, ou seja, Educação Física. A formação

acadêmica contribui para caracterizar o perfil do profissional, e possivelmente servirá como um fio condutor para oportunizar o contato com temas ligados ao envelhecimento humano, visto que a universidade tem

[...] como finalidade precípua à formação integral do homem, buscando seu bem-estar físico, social e espiritual, desenvolvendo suas potencialidades e atividades criadoras. Dessa forma, propiciando a integração com a sociedade através do diagnóstico social e com a proposição de projetos e parcerias, na busca por soluções junto a esse contexto, sem perder de vista a dimensão global. (UPF, 2011).

Com essa visão integradora, acrescida de um dos diagnósticos locais que indica o crescimento da população com mais de 60 anos, subentende-se que o processo de envelhecimento humano é um tema comum e plausível de importantes reflexões e contatos dentro do âmbito acadêmico. Nas falas dos profissionais, foi possível observar a recorrência do tema ou não durante a graduação, e em alguns casos, revelou ser o primeiro contato com esse tema e com pessoas envelhecidas.

“Fiz uma inscrição para concorrer à bolsa de estudos para pesquisa e o tema dessa pesquisa era Envelhecimento Humano na literatura, então eu teria que revisar os poemas de Adélia Prado, que é uma autora mineira, como o envelhecimento era tematizado na literatura. Como eu gosto de pesquisar, eu me inseri. Então para eu saber/entender o que é o ser velho, eu teria que me colocar no lugar desse velho e então me aproximei da oficina literária. [...] eu entrei na oficina com um objetivo, para me “utilizar deles” e acabei me encantando e mesmo depois de não precisar deles eu fiquei.”

(Profissional D4)

“Consegui o emprego no grupo de convivência a partir de uma semana acadêmica que eu fiquei de monitora numa turma de 3ª idade.”

(Profissional G7)

“Eu comecei a me identificar e escolhi dar aulas práticas, pela disciplina de Atividades Adaptadas, para um grupo de terceira idade durante a graduação.”

(Profissional I9)

“Tinha a disciplina de Atividades Comunitárias durante a graduação, que era realizada no CREATI.”

(Profissional J10)

Em outros casos, houve profissionais entrevistadas que afirmaram não terem tido contato durante a graduação com disciplinas ou atividades que abordassem assuntos relacionados ao processo de envelhecimento humano.

“Não tinha assuntos relacionados ao envelhecimento na minha época, mas acho porque era um assunto atual.”

(Profissional A1)

Cabe ressaltar que a entrevistada finalizou a graduação em 2009. O que tal justificativa pode revelar?

“Na nossa formação, eu falo bem francamente, na faculdade não se tem preparo nenhum pra trabalhar com Terceira idade e nem se falava no assunto.

(Profissional B2)

“A gente é pai, mãe, filho, dá colo e infelizmente o nosso curso enquanto grade curricular não dá essa estrutura, prepara para o lado técnico, mas tu não consegues separar o profissional de educação física do humano.”

(Profissional E5)

Com esses discursos, pode ser percebido que algumas profissionais vivenciaram durante o processo de formação acadêmica certo tipo de interação com assuntos relacionados ao processo de envelhecimento humano. Essa relação pode ter servido como um elemento impulsionante para o trabalho/atuação com idosos. Contudo, cabe refletir sobre quais são as características, os tipos de interações existentes? De que modo ocorrem? E mais, como essas possíveis interações/relações estão sendo orientadas?

Em breve observação à grade curricular⁸ das áreas envolvidas na pesquisa, pode ser verificada aparente inexistência de termos/expressões que apontem a velhice como foco principal da disciplina. Parece necessário incluir essa formação também nos currículos, nos quais a temática ainda é pouco contemplada, mas sua inclusão é sustentada pela Lei 8.842, de 1994, Art. 10, inc. III, c: "incluir a Gerontologia e a Geriatria como disciplinas curriculares nos cursos superiores." Além disso, entende-se que os currículos acadêmicos são a “face da cultura e da gênese da personalidade, e que cada cultura tem seus objetivos fundamentais de socialização ou um modelo básico para a formação da personalidade, isto é, a imagem do adulto ideal” (TABA, 1977, p. 78). Apesar disso, esses currículos parecem estar moldados às novas gerações, cuja educação prima para o espírito de luta, o êxito material pela realização e orientação para o trabalho, resultando no avanço da economia e o futuro do país. De fato, o envelhecimento parece ter pouca relação com a educação, o que exige mudanças curriculares, mas que nem sempre são fáceis de serem realizadas.

Ao considerar o envelhecimento humano um assunto relativamente recente no meio científico e acadêmico, cujos entendimentos/compreensões estão em processo de construção, muitas áreas de formação acadêmica parecem apresentar certa resistência, limitações que podem levar a uma inibição quanto ao tema. Consequentemente, pode

⁸ Currículos acadêmicos disponíveis em www.upf.br.

ser um fator capaz de gerar nos profissionais possível falta de clareza, quando se deparam com o público idoso como “opção/interesse/oportunidade” de trabalho.

Na maioria dos casos, a formação direcionada ao envelhecimento humano acontece de forma complementar, através de cursos de especialização, seminários ou de formação continuada. As profissionais que colaboraram com a pesquisa, em falas citadas anteriormente, apontaram terem tido um contato mais complementar com o tema, ou seja, em projetos de pesquisa, Semana Acadêmica ou em disciplinas não supostamente direcionadas ao tema. Assim, de certo modo, há a inserção do tema envelhecimento humano na formação acadêmica. Além disso, citaram outros meios conforme os quais direcionam e orientam suas atividades: cursos, palestras específicas sobre velhice, capacitações disponibilizadas pela empresa pela qual são contratados, livros, troca de materiais entre colegas, internet, na prática.

“Eu busquei outros cursos, mais globais, desde a parte do físico ao espiritual. Todo final e meio do ano, tem cursos, capacitações, oficinas estamos sempre nos atualizando.”
(Profissional C3)

“Cursos mais direcionados à recreação e atividade física. Livros. Troca de informações entre colegas é importante. Internet.”
(Profissional J10)

Conferência do idoso, livros, leituras e o que é dito, temos que ter o bom senso de adaptar conforme o grupo, tudo, não existe uma cartilha que seja única para todos, você vai ter que adaptar. Essa atividade eu posso, essa não.
(Profissional F6)

“Vi aulas de SP pelo Google, para tentar me basear. Livros não tenho muitos, consegui emprestados de colegas e amigas, mas muitos não são de 3ª idade, mais com tipos de alongamento, pois tem pouco específico da educação física para a terceira idade.”
(Profissional G7)

“Conhecimento vai adquirindo conforme o trabalho que vai sendo realizado. Não adianta somente fazer cursos, congressos, você chega lá e é outra realidade. Tem que ir se adaptando, tentando.”
(Profissional H8)

“Eu tive que aprender tudo na prática, fazendo, porque às vezes você faz um curso e não tem a prática e a prática é diferente do que tu lê.”
(Profissional B2)

“Entre os professores muita pouca troca, conversas durante os bailes (de terceira idade), agora nem existem mais, de novembro para cá não existem. Existiu um treinamento, onde a empresa trouxe as coisas já empacotadas e mostrou para nós como sempre. Mostrando a realidade deles com grupos de convivência.”
(Profissional I9)

Outras formas utilizadas pelas profissionais, a fim de conduzirem suas ações, ocorre com base na observação de seus pares que atuam nos grupos há mais tempo,

“[...] várias gurias vieram assistir minhas aulas porque a coordenadora mandava.”
(Profissional B2)

“A gente foi pegando jeito com a cópia, depois fomos crescendo em cima daquilo.”
(Profissional F6)

Uma entrevistada apresenta certa particularidade em sua formação: convivência com seus avós. Cita o ambiente no qual foi criada, tendo contato direto com pessoas idosas, o que indica e aponta para um outro modo de educação informal, a que ocorre na família.

“Minha mãe fazia faculdade e trabalhava, não tinha muito tempo pra ficar comigo, eu convivi muito com meus avôs e foi uma convivência enriquecedora, tanto da minha parte como da deles. Eles ganharam e eu ganhei. Então eu vejo assim, me aproximei, sabia lidar, a própria convivência te dá algumas habilidades com aquela faixa etária. E como foi uma vivência desde a infância eu me sinto bem na companhia deles.”
(Profissional D4)

Os meios apontados pelas entrevistadas servem para revelar que a construção dos conhecimentos, aos quais as profissionais vão dirigir suas ações nos grupos de idosos, não têm uma única e definida gênese. São perfis formados a partir de uma rede de interações, advindas de diferentes fontes e formas de educação, um processo contínuo, e que parece não se deter somente ao que foi apreendido na área específica de formação acadêmica. Nesse sentido, Tardif (2002, p. 19) aborda a ideia de que a atuação dos profissionais contém:

[...] um saber fazer cuja origem social é patente. Por exemplo, para alguns deles provém da família, da escola que o formou e de sua cultura pessoal; outros vêm da universidade ou das escolas normais; outros estão ligados à instituição (programas, regras, princípios pedagógicos, objetivos, finalidades, etc.); outros ainda provêm dos pares. Nesse sentido, o saber profissional está de certo modo, na confluência de vários saberes oriundos da sociedade, da instituição escolar, dos outros autores educacionais, das universidades.

A partir das informações tecidas pelas profissionais entrevistadas, nessa pesquisa, o que parece ser desvelado são conhecimentos construídos e compreendidos sob forma complementar, em saberes de ação, habilidades de natureza artesanal, adquiridas através da experiência de trabalho, e pessoal, não exclusivamente um conhecimento científico. Esses conhecimentos caracterizam um modo de educação continuada, um processo

não formal, com cursos de atualização, palestras, encontros, debates, etc. [...] e os processos ‘informais’, aqueles que acontecem no cotidiano através da convivência, mas também através das mídias, e que nos fazem aprender muitas coisas, desde nossa língua materna até nossos comportamentos, valores e convicções. (DOLL, 2008, p. s/p.).

Diante do exposto, é possível afirmar que o conhecimento científico, como conjunto de informações, é necessário, porém não suficiente. Em muitos casos, o profissional tem a informação, mas não sabe o que fazer com ela, ou mesmo, não se adéqua, ou não sabe como se relacionar com o público com que trabalha. O conhecimento torna-se eficaz, quando se transforma em habilidades e competências. “Ação e reflexão, conhecimento e habilidades fundem-se numa dialética de superação. Conhecer implica diversos modos de agir e fazer. A ciência é produto lógico, mas também comportamento social, ético e político.” (PAVIANI, 1995, p. 14) Em se tratando das profissionais entrevistadas para este estudo, muitas demonstraram resiliência, e reflexão sobre as informações apreendidas, demonstrando senso crítico e suposta capacidade de adaptação frente a situações com as pessoas que frequentam os grupos.

Para incitar o assunto sobre as formas aos quais ocorre a “construção do conhecimento” cabe transcrever a fábula dos cegos e do elefante (DUARTE JUNIOR, 1986, p. 9-13):

Eram cinco cegos que não conheciam este animal (elefante), e um dia foram apresentados a ele. Um cego apalpou suas patas e concluiu: o elefante se assemelha a grossas colunas. Outro, tomou sua tromba e pensou ser ele semelhante a uma cobra, sinuoso e flexível. O terceiro, pegando a cauda, imaginou o elefante como um chicote, fino e com fios na extremidade. Já o quarto, tateando suas presas, teve a imagem dele como um bastão maciço. E finalmente o último cego, ao apalpar as orelhas do animal, ponderou que ele mais parecia um leque maleável.

Esta história serve para compreender que o conhecimento sobre qualquer coisa depende da maneira como o “pegamos”. Depende do ângulo de visão e dos instrumentos que se tem à mão para estudá-lo. Os cegos só tinham o tato para conhecer o elefante, e cada um utilizou-se desta forma de acesso a realidade. Porém, além de usarem uma maneira restrita de apreensão, usaram-na também de forma parcelada. Não procuraram percorrer todo o animal com as mãos, mas restringiram aquela parte que lhes estava mais próxima. Nisso transcorre o risco de polarizar a atenção em alguma delas, ignorando o resto ficando uma visão unilateral e parcial. E mais, na história ainda poderia se fazer alusão ao local onde o elefante estava colocado, deslocado do seu meio,

ele estava exposto a uma situação artificial. Uma visão o mais integral possível, poderia ocorrer a partir da reunião, numa unidade, os numerosos aspectos observados, aliando os conhecimentos específicos de cada sujeito envolvido para uma possível compreensão do todo.

Paralelamente, parece que o trabalho com idosos exige das profissionais que vão além dos conhecimentos específicos da área de graduação, os quais parecem não se mostrar suficientes frente às exigências trazidas pelas pessoas que participam dos grupos de convivência. Isso pode ser notado num excerto de fala, já ilustrado anteriormente:

“A gente é pai, mãe, filho, dá colo e infelizmente o nosso curso enquanto grade curricular não dá essa estrutura, prepara para o lado técnico”.
(Profissional E5)

Mas, há outros excertos que demonstram essa mesma exigência:

“Eu fui me adaptando, eu leio, eu trago exercícios diferentes, você começa a trabalhar com eles e percebe as dificuldades. Tem gente de várias idades, gente de 80 e de 60 anos.”
(Profissional B2)

“Eles (idosos) não querem sempre a mesma coisa, eles cobram e eles sugam do professor.”
(Profissional C3)

Esses indícios também parecem configurar, de modo tácito, a interdisciplinaridade⁹, visto que nos meios científicos, o envelhecimento humano é categorizado como assunto interdisciplinar, permeando estudos em diferentes áreas específicas.

Nas entrevistas realizadas, observa-se que, além de atividades pré-estabelecidas, as profissionais desenvolvem outras atividades dentro dos grupos ou agregam outros “incrementos”, os quais classificam como importantes e vão ao encontro dos interesses dos participantes. Que determinantes levam os profissionais a adotarem outras formas de incrementar suas atividades? Como por exemplo:

⁹ A noção de interdisciplinaridade é recente, sendo entendida e “realizada a articulação dos saberes, pois não é possível alcançar ciência, a *episteme*, sem considerar que o conhecimento é igualmente um fazer, uma *techne*, e um agir, uma *fronesis*. O trabalho científico e pedagógico inter-relaciona tipos diferentes de conhecimentos. Conhecer pode consistir em identificar as causas de algo, a causalidade que movimenta a organização do conhecimento, mas implica em saber tomar decisões, optar por ações possíveis, avaliar e, igualmente, saber agir dentro dos padrões éticos aceitos pela sociedade. (PAVIANI, 2008, p. 8)

“Projeto novo (referência à oficina Neurocerebral) mais humano deixando a mente mais ativa, mais alerta com técnicas alternativas não somente as sistemáticas.”

(Profissional E5)

“Momento espiritual, que nunca pode faltar na aula, onde ocorrem orações, mensagens que eles leem, ou eles gostam de trazer para eu ler. Outra coisa que eu faço bastante é discutir assuntos ligados à parte de nutrição. Vejo o que elas estão com necessidade, aí dou uma estudadinha em casa, aí apresenta para elas, tira as dúvidas, o que elas perguntam a gente vai atrás, busca.”

(Profissional C3)

“Nas sextas, ocorrem o jogos de “câmbio” (vôlei adaptado para a 3ª idade).”

(Profissional F6)

“Em anos anteriores era liberado espaço para atividades como bocha, bolão, dama, dominó.”

(Profissional F6)

“A Literatura, por exemplo, foi difícil de encontrar adeptos. De 40 dos grupos no município, 7 manifestaram interesse e desses 7 grupos, cada grupo 1 pessoa.”

(Profissional D4)

Com a atuação e vivência profissional dentro dos grupos, talvez de modo não tão elaborado, há uma configuração desse tipo de experiência interdisciplinar. Seja pela abordagem e exigência dos idosos sobre assuntos que vão além do conhecimento prévio, também pela formação acadêmica limitada, etc. Isso possivelmente faz com que os profissionais busquem mais informações, a fim de suprir sua possível carência de conhecimento e a troca entre profissionais, mesmo que de modo carente e não organizado, em encontros esporádicos durante atividades comuns aos grupos. Porém, Paviani (2008, p. 8-9) alerta que nem sempre as experiências são efetivamente interdisciplinares e que

A redução da interdisciplinaridade a um simples arranjo de entre disciplinas ou a mera colaboração entre professores, sem um exame de suas implicações epistemológicas e metodológicas, transforma sua prática num modismo intelectual, ou, ainda, numa inútil justaposição de atividades.

O que parece estar acontecendo é que os idosos estão modelando as profissionais, mas estes, de modo recíproco, também são modelados por elas. Assim como ocorre no mundo biológico, “não é só o ambiente que seleciona e molda o organismo, este também seleciona e molda o ambiente.” (MORIN, 1989, p. 52). Essas situações vivenciadas pelas profissionais, com exigências, reivindicações vindas dos idosos e que acabam gerando dificuldade, em grande parte ocorrem pela crescente consciência das pessoas acerca de seus direitos. Resta saber se as profissionais estão percebendo essas mudanças que parecem vir implicitamente das exigências dos idosos e de que maneira lidam com elas? E mais, a universidade como um importante

instrumento na formação e com objetivos aparentemente totalitários com a realidade está preparando seus profissionais para trabalharem com seres humanos? Como essas interpretações se refletirão nas intervenções futuras?

Retomando a fala de uma profissional exposta anteriormente, um traço do perfil parece ser marcado pela convivência com pessoas idosas durante a infância. Compreendendo o convívio como sendo a “aceitação do outro como legítimo na relação, e que progressivamente é congruente ao modo de conviver um com o outro.” (MATURANA, 2002, p. 68). Talvez repensar a educação, trazendo para o ambiente escolar temas ligados ao envelhecimento humano, não só nas conhecidas formas lúdicas com histórias, pois, de modo geral, trazem o velho como figura caricata de “bruxa”, “madrasta”, e implicitamente podem repercutir/colaborar na formação de imagens que se estendem e se cristalizam pela vida adulta. Além disso, é preciso repensar outras maneiras de promover o entendimento e a aceitação do envelhecimento enquanto processo natural, não só momentaneamente, mas que se reflita nas gerações futuras até no modo de encarar as mudanças na velhice.

Sobre esse assunto, Rubem Alves (2008, p. 257), num trecho de um de seus livros, faz um importante alerta que reforça a ideia trazida anteriormente, quando analisada a relação com temas sobre o envelhecimento humano nas universidades.

Não é curioso isso, que a velhice sendo o destino de todos nós, não haja nada, nas escolas, que nos prepare para essa experiência? Acho que é porque na escolas, e especialmente nas universidades, estão comprometidas com preparar seus alunos para mercado de trabalho. Acontece que os velhos estão fora do mercado de trabalho. A nossa sociedade define a nossa identidade por aquilo que fazemos, da mesma forma como os objetos são definidos por aquilo que podem fazer.

Discutindo mais aprofundadamente o assunto, poderiam ser apresentadas as reflexões de Hannah Arendt, no livro *Entre o passado e o futuro* (2002), em que incita sobre “a crise da educação”, a partir da realidade e conexões entre todos os acontecimentos no mundo moderno, em que a

[...] crise nos obriga a voltar às mesmas questões e exige respostas novas ou velhas, mas de qualquer modo de julgamentos diretos. Uma crise só se torna um desastre quando respondemos a ela com juízos pré-formados, isto é, com preconceitos. Uma atitude dessas não apenas aguça a crise como nos priva da experiência da realidade e da oportunidade por ela proporcionada a reflexão. (ARENDR, 2002, p. 223).

Esse repensar o ensino como realidade vigente está diretamente relacionado à educação das crianças, como "função da escola é ensinar às crianças como o mundo é, e não instruí-las na arte de viver" (ARENT, 2002, p. 236), em que o aluno deve ser apresentado ao mundo e estimulado a refletir, expressando sinais contrários a uma possível alienação da realidade. Ainda é necessário dar ênfase ao conceito de responsabilidade dos adultos tanto em relação ao mundo como às crianças. "Formar para o mundo significa, entre outras coisas, adquirir a noção do coletivo." É um processo que só se realiza, em cada aluno, com a intervenção do pensamento para a criação de uma ética perante o grupo.

Aliando o que foi expresso pela profissional supracitada e entendendo-se que uma forma de conhecer parte "da observação e reflexão sobre o observado, um complexo sistema de relações comportamentais incluindo um delicado equilíbrio entre observação, linguagem, raciocínio, sensibilidade." (BOTOMÉ, 1994, p. 19). Isso implica uma visão, em que a informação associada à capacidade de relacioná-la com os problemas com os quais se defrontam as pessoas, pode se constituir em um poderoso instrumento de qualificação. Dessa forma, promover-se-á o que, de fato, seria educar é

[...] criar condições para que, diante das situações com que se defrontem em suas vidas, as pessoas estejam aptas a apresentar as condutas necessárias, apropriadas para gerar as alterações de interesse nessas situações, criando outras situações mais próximas do que interessa obter como resultado do trabalho humano. (BOTOMÉ, 1994, p. 19-20).

Outro dado relevante encontrado nas falas foi menção à internet como forma de apoio para complementação das atividades. Enquanto instrumento, ferramenta tecnológica, parece formar uma rede de relações, em que um grupo de pessoas compartilha de formas semelhantes de atuação. Um outro meio, uma outra realidade experienciada

[...] uma 'aldeia global' através da imersão nesse complexo de informações, imagens, realidades virtuais, contato constante, íntimo e imediato com fatos (ou versões deles!) dos mais distantes cantos do mundo. Existe hoje, não há mais dúvida, um novo meio gerando outro tipo de cultura. (BOTOMÉ, 1994, p. 14).

Questiona-se de que forma os profissionais estão administrando essas informações diante da realidade em que atuam? Como as pessoas percebem e refletem sobre essa rede de relações existentes num único acesso à internet? Como é feita a seleção e análise do que é encontrado? Os conhecimentos que vão sendo construídos no decorrer da vida são processos que ocorrem, a partir da análise, reflexão, atuação e uma

nova reflexão dos resultados obtidos, para ver se convêm com a realidade vigente? Que implicações essas múltiplas formas de interações podem gerar no processo de envelhecimento humano?

“Eu tive que aprender na prática, fazendo.”
(Profissional B2)

Essa afirmação quase se assemelha ao título do livro de Paulo Freire e Myles Horton (2003), *O caminho se faz caminhando*, sendo esse um dos discursos que apontam que o trabalho das profissionais é fruto do aprender fazendo, no dia a dia, nos grupos. É o que mostra o excerto que segue:

“Conhecimento vai adquirindo conforme o trabalho que vai sendo realizado. Não adianta somente fazer cursos, congressos, você chega lá e é outra realidade. Tem que ir se adaptando, tentando.”
(Profissional H8)

Com base nesse excerto, o qual apresenta um discurso coerente e consciente por parte da entrevistada, é possível estabelecer uma relação com as ideias do livro supracitado, pois afirma que “não há conhecimento sem prática” (FREIRE, HORTON, 2003, p. 12). E mais, na tessitura de suas argumentações, os autores afirmam que “o saber interativo nasce, portanto, no bojo das práticas sociais do agir comunicativo concretizado pelos sujeitos, dentro do processo de interação social.” (FREIRE, HORTON, 2003, p. 67).

Neste livro, os autores revelam a tríade freireana da ação-reflexão-ação como contraponto à errônea concepção de que só se deve intervir numa realidade quando acumular todo o saber disponível sobre ela para, somente aí, então, poder agir. E ainda exortam para a realização de uma inversão desta lógica: em vez de estudar tudo antes sobre como caminhar, simplesmente caminhe, dê os primeiros passos, siga lentamente e vá se observando no processo, corrigindo sua postura, sua forma de agir e seus rumos. Nesta caminhada conhecerá formas de pensar e de agir que, mesmo entrando em franca contradição com a sua forma de ver o mundo, devem ser respeitadas. (SOARES, 2010).

A construção do conhecimento por parte das profissionais entrevistadas sobre o processo de envelhecimento humano agrega diversos mecanismos. Seja pelo contato durante a graduação, pelos livros lidos, pela observação de outros profissionais, pelos meios eletrônicos, pela prática com idosos, pela convivência. Ainda poderiam ser incluídos os meios de comunicação, em especial, a televisão, um importante meio formador de opinião, cuja “função social enquanto formadores e difusores de opinião pública, agindo, portanto, sobre os ideais que as pessoas esperam viver ao longo da

vida” (PACHECO, 2009, p. 143). Essas maneiras caracterizam muito mais modos empíricos do que propriamente embasados científicos.

De fato, pôde ser evidenciado, até este momento da pesquisa, que as profissionais parecem buscar meios para um possível “aperfeiçoamento” para a atuação nos grupos de convivência, embora, no decorrer das entrevistas, já tenha sido possível captar entendimentos, compreensões e representações conceituais sobre o envelhecimento humano e termos relacionados a ele (idoso, velho, velhice).

“Antes via o velho como uma pessoa “velha” que precisava de assistência, hoje eu já vejo do contrário, vejo uma pessoa idosa que precisa só de um apoio.”

(Profissional F6)

“Hoje eu vejo diferente, vejo a faixa dos 70 anos com mais energia do que eu. Eu me lembro de que eu pensava que, quando meus pais chegassem nos 60 anos, vão estar velhos, e realmente estão mais velhos, pois não realizam nenhum tipo de atividade, diferentes dos idosos dos grupos que são mais participativos.”

(Profissional G7)

“Autonomia, saúde, a mobilidade que é o que eles perdem mais com o envelhecimento.”

(Profissional F6)

“Eu penso que eles não são mais aqueles idosos acomodados.”

(Profissional B2)

“O idoso eu acho que ele está buscando mais essa parte de sair e poder enfrentar coisas que eles passam. Para eles só o fato de saírem já está bom.”

(Profissional A1)

Feliz porque ainda está vivo. Já venceram todos os percursos que a vida impõe.

(Profissional N13)

Com base em algumas dessas falas supracitadas, é possível observar percepções, conceituações e entendimentos pouco elaborados, que deixam transparecer certa ingenuidade, fragmentação, compreensões vagas, fechadas limitadas e até restritivas, basicamente ligam a velhice à parte física. Enfim, essas falas parecem indicar que não compreendem, nem entendem o público com o qual estão trabalhando. Ou ainda, conforme citado, “estar feliz por estar vivo”, em que a longevidade é vista como prêmio e sinônimo de conformidade, de que tudo pode ser bom e tranquilo, percepção um tanto utópica, no caso de se considerar que:

A velhice é diversa porque não é apenas um fenômeno biológico ou natural. Mesmo assim, o envelhecimento, no seu aspecto físico, pode ser vivido diferentemente, de gênero a gênero, etnia a etnia, indivíduo a indivíduo. Mas a velhice ainda mais diversa em suas outras dimensões: psicológica, social e cultural. (PARK; GROPPPO, 2009, p. 24).

Outras falas expressam informações quanto ao comportamento dos idosos, uma visão um pouco mais ampla, mais elaborada e que parece englobar e perceber outros aspectos que circundam a pessoa, conforme pode ser visto na sequência.

“Então, o declínio físico não tem nada a ver com questão moral, eu posso ser uma pessoa, interiormente falando, muito melhor com 90 do que com 20, como posso não ser, pois nem sempre envelhecer significa amadurecer.”

(Profissional D4)

“A gente tem que ter uma estrutura, pois o fato de serem idosos não significa que são pessoas maduras. Tem idosos imaturos. Tem idosos gananciosos, que querem atenção só para eles, tem idosos que te agriem.”

(Profissional E5)

“Pessoa com longa caminhada e cabeça com muito conhecimento e nós aprendemos com eles. Bastante conhecimento e vida.”

(Profissional H8)

Existe a compressão de que ser velho pode não ser adjetivo de “bonzinho”, ou “sábio”, entra em questão a personalidade, a moral de cada indivíduo. Os mesmos autores Park e Groppo (2009, p. 27) corroboram sobre essas caracterizações:

É preciso considerar que o conjunto de experiências dos velhos contém o não saber. E velho não é alguém que viveu todas as experiências com as quais sua velhice significaria apenas uma retomada, uma repetição. É preciso, por exemplo, aprender a ter uma nova relação com o trabalho, inclusive com o não trabalho, o tempo livre, a aposentadoria.

Além disso, puderam ser percebidas e transcritas falas que demonstraram um grau mais elaborado na organização de ideias, um caráter mais amplo, permeado por vários aspectos do envelhecimento humano:

“Idoso fica mais charmoso, mais elegante. Velho é mais antropológico. Envelhecer toda a natureza e ser vivo vai envelhecer e morrer faz parte do ciclo. Idoso é um termo mais diplomático, mais elegante, serve para ferir menos, porque ninguém gostaria de ter essa finitude.”

(Profissional N13)

“O maior valor é a experiência que cada um traz, a troca. Embora eu ache que a nossa sociedade esteja pensando na questão do envelhecimento, mais a questão longevidade e lucidez. Tem muito mais coisa por trás do que só saúde e lucidez, porque, quando se pensa em saúde, 70% é o lado emocional para saúde vital.”

(Profissional E5)

“Antes de eu entrar no CREATI, eu nunca pensei em velhice, eu era muito jovem, com 19 anos a gente nem lembra que vai ficar velho, então eu só fui me dar conta que é um processo e que se é um processo todos os dias conta. Então na minha pesquisa prática eu sempre tive que se eu não cuidar da minha saúde hoje, amanhã eu não vou ter, é uma poupança que a gente faz, então eu penso assim, velhice não é uma fase melhor que a mocidade, a não ser pelas limitações e pelas dores, desgastes, mas não é nem melhor nem pior, então melhor idade desconsidera, desclassifica, não existe, porque a minha pode ser aos 50, quando eu tenho mais estabilidade. [...] mas o termo idoso, sempre comento com meus alunos, ele serve mais para

questão teórica, vai escrever um texto científico, para isso ele foi criado. Velho uma palavra que carrega uma conotação muito pejorativa na nossa sociedade, as pessoas acham que é descartável, que é a mesma coisa que o objeto, só que a gente tem que resgatar a ideia de que quando fala de uma pessoa, velho é só o oposto de jovem, é só antônimo. E eu acho que as pessoas acabam preferindo a palavra idoso pela negação da velhice. Então, eu sempre procuro ter em mente que velhice é a última fase da vida, obviamente, antes da morte. Envelhecimento é um processo desde que somos concebidos e velho é aquele que viveu muito tempo, que é sinônimo de idoso.” [...] Definir o que é “velhice”, falar sobre a questão do existencial, dos conflitos que aparecem nesta fase, nesse processo melhor dizendo. Não é uma fase!

(Profissional D4)

Principalmente com base no que se destaca na fala da profissional D4, última, somados a dados trazidos anteriormente, pode ser percebido que se agregam conhecimentos vindos da vivência no ambiente familiar, os vinculados durante o processo de graduação, pós-graduação e os adquiridos em formação continuada, os quais contribuem para a construção de um conhecimento direcionado ao envelhecimento humano. Considerando isso, é possível delinear e refletir diretamente sobre como o profissional irá atuar na realidade e com as situações no ambiente no qual está inserido. Trata-se de um perfil mais elaborado frente à diversidade dos tempos, com uma aparente compreensão da realidade.

Assim, apresenta um discurso com caráter mais amplo e humano, deixando transparecer uma preocupação acerca da individualidade dos participantes dos grupos.

“Fazer no grupo, mas trabalhar o indivíduo como indivíduo. O que eu não deixo de pensar é que estou lidando com seres humanos que têm sentimentos e emoções. O que eu tento colocar “se a cabeça não está legal é porque alguma coisa você fez de errado, ou você maltratou ou usou excessivamente ou está emocionalmente abalado e não está abrindo porta para tua mente, eu faço eles buscarem as respostas dentro deles.”

(Profissional E5)

Na maioria dos diálogos, podem ser percebidos discursos pouco elaborados, mais empíricos, mesmo considerando que o teórico não desconsidera o empírico e vice-versa. O que está escrito, publicado serve de fato para que? Quem está educando o educador? Essas questões apontam *para* a necessidade de (re) avaliar constantemente o processo de ensinar, aprender e o contexto no qual isso ocorre para que o ensino formal (na universidade, nas escolas) esteja apropriado a interpretar e atuar sobre a realidade.

Um conhecimento é válido, quando confrontado com suas ações e estas se estendem ao que pensam, englobando o que fazem, por que o fazem, como planejam e avaliam o que fazem. Ora esse tipo de reflexão exige esclarecimentos. Dito em outras palavras, os profissionais desenvolvem suas "ações" como meros reprodutores ou

aplicadores de técnicas ou "atuam" a partir da ação, reflexão, ação e novamente reflexão?

4.2.2. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NOS GRUPOS DE CONVIVÊNCIA PARA A TERCEIRA IDADE

Nesta parte, retomar-se-ão, de um modo mais aprofundado e com um olhar mais crítico, as atividades desenvolvidas nos grupos de convivência pelas profissionais entrevistadas. Entender como as profissionais estão percebendo suas ações, quais os objetivos que são propostos por elas e quais as possíveis mudanças que estão percebendo com seu trabalho na vida dos idosos, são questões sobre as quais se irá refletir.

Como permeado em falas anteriores, as atividades desenvolvidas nos grupos são: atividades física, recreativa e lúdica, bem como exercícios para a memória, dança, jogos, além de oficinas com trabalhos específicos de artesanato, literatura, música, neurocerebral. Os profissionais são orientados a seguir um *Plano de Ação*¹⁰ proposto pela coordenadoria do programa, as atividades nos grupos não diferem, seguem certa sequência, tendo como prioridade os exercícios físicos, como pode ser percebido em alguns relatos:

“Chamada, avisos, atividade física e durante o exercício, vou falando o que eles estão fazendo. Em cima do problema que a idade causa você mostra algo que possa ajudar.”
(Profissional F6)

¹⁰ A oficina do corpo, as atividades lúdicas e os jogos de integração nos grupos de terceira idade (GTIs) têm, por finalidade, promoção do envelhecimento saudável, e por princípio básico: participação, ludicidade e prazer. A união desses princípios expõe as atividades de movimentação do corpo como sinônimo de vida. O idoso é estimulado a recuperar seu potencial de vida, mesmo limitado pelo processo natural de envelhecimento. É comprovado cientificamente de que o exercício físico, quando adequadamente prescrito, pode propiciar um aumento da reserva funcional em várias condições patológicas manifestas, com notáveis benefícios sobre a qualidade de vida e a longevidade. Percebe-se, ao longo do trabalho, junto aos GTIs, que a atividade física adquire uma propriedade terapêutica, “um remédio” para as pessoas que frequentam os encontros. A atividade física é um aspecto essencial à manutenção da saúde dos idosos. De fato, não existe qualquer doença crônica nem qualquer razão que impeça a elaboração de um programa de exercícios físicos, visando a prevenir o envelhecimento prematuro e que atue diretamente sobre as causas que predispõem às doenças degenerativas. É impossível pensar o conceito de saúde, assim como pensar qualquer programa de atenção ao idoso, que não reconheça a necessidade de integrar o exercício físico na vida das pessoas idosas, como meio de inserção social, de integração intergeracional, além da promoção de saúde. (Plano de Ação 2004). Este plano foi o disponibilizado pelos gestores e que parece ainda vigorar.

“Despertar da tarde, ver quem veio, desejar boa tarde, interesse do grupo. Aquecimento geral, soltar o corpo. Parte local, parte principal, exercícios, trabalho com bastão, bola, borracha, exercício parado, alongamento. Mensagem, senta e reflete. Exercícios para a memória.”
(Profissional I9)

“Atividade física, recreativa, brincadeiras, coisas que “ergam” o astral deles.”
(Profissional A1)

“Eu prefiro trabalhar ginástica, brincadeiras mais lúdicas, bastante coisa para memória. Por exemplo, aqui eu dou uma ginástica mais feminina, então dependendo do grupo, tem que trabalhar um pouco diferente, músicas mais gauchescas, dança de par. De acordo com cada grupo, ver qual atividade vai trabalhar.”
(Profissional C3)

“Lá (nos grupos de convivência) segue uma rotina que nos foi colocada, pega faz a chamada, oração ou mensagem e parte para a atividade física.”
(Profissional E5)

“A maior dificuldade desse ano está sendo abrir para o lado mais cultural. Faz a atividade prática durante a semana e final do ano viagem. É o que eles mais pensam. Alias, todo mundo pensa, tem a ideia de que o idoso gosta só de baile. Eles vão aos bailes, porque querem fazer o deles e juntar dinheiro para final do ano fazer viagem. Esse é o intuito deles. Até é bom, interessante, pois tem muitos que nunca saíram de casa, que só vai sair por essa oportunidade. É importante só que não pode ser prioritária, a prioridade tem que ser a saúde”.
(Profissional F6)

O que se percebe tanto no plano de ação (teoria) como na prática, com base nas falas, é que elas estão andando em acordo quanto ao que é desenvolvido. Isso também indica que as profissionais parecem engessados a um plano e seguem as atividades às quais foram contratadas, apresentando baixa autonomia nas propostas, ingenuidade e acabam por criar “antolhos” em relação à expansão e aprimoramento das ações desenvolvidas. Além de parecer que, implicitamente, os idosos condicionam muito mais as atividades para seus interesses, com suas preocupações, dúvidas, exigências, do que a suposta autonomia “representada” pelos profissionais como condutores nos grupos.

A adoção de tais posturas pode corroborar com a concepção fragmentada e reducionista, com concepções biologizantes, agregando ainda mais a ideia de deterioração do corpo ao envelhecer, além da adoção de “medidas paliativas” serem o “remédio” para seu retardo. E com isso, “[...] cria-se todo um aparato voltado às faixas etárias que representam esse segmento. Estar inserido na sociedade atual é ter o papel de consumidor de produtos, de saberes e de fazeres.” (GROPPO; PARK, 2009, p. 23).

E mais, esse discurso preservacionista, o qual propõe a conservação do corpo para o envelhecer saudável pode ser fruto e ter reflexos de definições anteriormente

formuladas sobre o envelhecimento humano, como por exemplo a utilizada pela Organização Mundial da Saúde:

A Organização Pan Americana de Saúde (OPAS) entende o envelhecimento como um processo, próprio de uma espécie, que ocorre num espaço-tempo de forma sequencial, individual, acumulativa, irreversível, não patológica, caracterizada pela deteriorização de um organismo maduro, de maneira que o tempo o torne menos capaz de fazer frente ao estresse do meio ambiente e, portanto, sua possibilidade de morte. (PAULINO et al., 2009, p. 3).

Além disso, nos Descritores da Ciência em Saúde (DeCS)¹¹, instrumento digital contendo termos e definições formuladas por especialistas/cientistas, meio comumente utilizado por alunos/professores/profissionais para formulação conceitos, a palavra envelhecimento é caracterizada como: “Mudanças graduais irreversíveis na estrutura e funcionamento de um organismo que ocorrem como resultado da passagem do tempo.” (2010)

Na sequência, há um excerto que mostra o perfil dos idosos participantes nos grupos de convivência:

“Geralmente as pessoas que vão nesses grupos não têm problemas sérios, todos caminham sozinhos, alguns vão até com dificuldades, mas acabam indo e ficam sentados.”
(Profissional B2)

Neste momento, é importante fazer alguns questionamentos acerca das propostas oferecidas pelos grupos de convivência. Que público está sendo atingido com tais propostas? O que diferencia um grupo do outro? E os idosos que não têm condições de participar deles ou que não gostam dos programas realizados, como estão sendo atendidos? Chega-se, assim, a dois contrapontos, um tem relação com as pessoas as quais participam e o risco de se criar “guetos”, um grupo segregado de velhos ativos fisicamente e por outro lado, reforça a ideia de que o grupo acaba por se restringir a quem consegue realizar as atividades e a aparente conformidade da profissional.

Dando continuidade à análise, as profissionais mencionam os objetivos dos grupos de convivência, possíveis locais para a interação social, convivência, orientação

¹¹ Foi desenvolvido a partir do *MeSH - Medical Subject Headings* da *U.S. National Library of Medicine (NLM)*, com o objetivo de permitir o uso de terminologia comum para pesquisa em três idiomas, proporcionando um meio consistente e único para a recuperação da informação independentemente do idioma. É um instrumento criado para servir como uma linguagem única na indexação de artigos de revistas científicas, livros, anais de congressos, relatórios técnicos, e outros tipos de materiais, cujos conceitos são organizados em uma *estrutura hierárquica*, permitindo a execução de pesquisa em termos mais amplos ou mais específicos ou todos os termos que pertençam a uma mesma estrutura hierárquica (Fonte: DeCS, 2010).

para a prevenção de acidentes, satisfação, felicidade, qualidade de vida, saúde, cidadania, autonomia e incentivo à vida. De um modo geral, os discursos parecem englobar quase todas as necessidades dos idosos, sendo as atuações nos grupos “boas por si só”. Assim, transparece uma visão um tanto ingênua e pouco reflexiva, se analisar que a participação dos idosos nos grupos ocorre uma ou duas vezes na semana, não somando mais de cinco horas de encontro. E nas outras 160 horas, o que os idosos fazem? E o que faziam antes de participarem dos grupos? Trata-se de um uso padronizado de atividades, que desvela uma visão homogênea dos participantes, o que, de fato, acaba se tornando, pois, nesses moldes, para participar dos grupos, é necessário se locomover, estar bem fisicamente, em boas condições de saúde, tornando-se um grupo segregado de velhos ativos. Botomé (1994, p. 38) critica este modelo:

[...] é possível, mais diretamente identificar o exercício de análises e decisões superficiais das atividades de ensino e aprendizagem. O modismo das técnicas de ensino, por exemplo, baseiam-se em uma concepção de que tais “técnicas são boas em si mesmas”. Não é a técnica que ensina, mas sim seu uso em função do que ela permite realizar e que ajuda a ensinar. O que os alunos fazem e passam a fazer devido ao uso dessas técnicas é o que deveria fornecer os critérios para escolher uma ou outra. Em caso contrário, os professores estariam fazendo o que Postman e Weingartner(1974) denunciam como equivalente a “usar antibiótico para todos porque ele é bom em si mesmo.

Taam (2009, p. 47) repreende essa forma de associativismo promovida pelos Grupos de Convivência como sendo “um universo semirreal, semi-imaginário, onde o homem poderá subtrair-se de suas relações com a humanidade e docemente entrega-se a si mesmo. Faz apontamentos sobre este tipo de atuação e conduta.” Exatamente isso acabou se refletindo nas representações expressas pelas profissionais entrevistadas, nas quais, grupos acabam sendo bons por si só, e ao participar deles, todos serão felizes e contentes:

“A gente leva alegria para eles”.
(Profissional A1)

“Que eles consigam e sintam prazer. Saiam de casa com o emocional abalado e que eles saiam daqui relaxados.”
(Profissional J10)

“Eles me retribuem aquela alegria que eles têm tá me dando o retorno do trabalho que estou passando para eles.”
(Profissional C3)

As falas vão ao encontro da reflexão feita por Doll (2002, p. 72), ao descrever os grupos de convivência, enfatizando a ação pedagógica das atividades desenvolvidas, as quais se caracterizam pela intencionalidade, visando a um ou a vários objetivos, que

devem ser alcançados e orientados por um certo saber, que fundamenta as intervenções no sentido de dar uma ideia sobre os efeitos e as consequências de determinadas ações. “Intervenção educacional existente, pode-se chamar de “princípio da esperança” em que se propõe alguma atividade, esperando que seja boa e avaliada como positiva, se as pessoas participantes estiverem felizes e contentes”. Essa atuação, sem maiores preocupações com os objetivos a serem alcançados é, no fundo, compreendida como antipedagógica, porque abre mão exatamente da intencionalidade do processo educativo. E mais, o autor alerta sobre “O perigo de criar “ilhas da felicidade”, que podem representar mais uma fuga do que uma transformação da realidade individual.” (DOLL, 2002, p. 72). Ou ainda simbolizarem, na concepção de Minayo (2002, p. 12), “festinhas da terceira idade”, provocando uma infantilização dessa etapa da vida.

Além do perigo da criação de “ilhas da felicidade” ou “ilhas da fantasia”, a ideia que subjaz é que, quanto maior o número de “habitantes” dessa “ilha”, melhor será o trabalho. As próprias profissionais relataram preferir a intervenção em grupos com maior público, o que alerta para outro risco, o de abafar as particularidades e individualidades e a aparente homogeneização dos sujeitos que participam dos grupos.

Assim, é preciso ter cuidado ao caracterizar os Centros de Convivência, conforme diz na citação que segue:

[...] lugares para preencher o tempo de vidas que já não fazem mais sentido, sem tentar dar um sentido a essas vidas. Estes espaços não podem ser um depósito de ex-trabalhadores, de pessoas que não tem mais utilidade para o mercado, às quais se precisa dar uma ocupação, enquanto os elementos “produtivos” da sociedade trabalham. Também temos que estar atentos à constituição de guetos, pois estes reforçam a discriminação e o preconceito, e reduzem o envelhecimento a uma questão de “estilo de vida”. (TAAM, 2009, p. 48).

Sobre o fato de algumas profissionais preferirem dar aula a um grupo maior, conforme explicitado anteriormente, uma delas relata:

“Já dei aula para 70, 60, 50 alunos, até acho melhor pegar grupos grandes do que de 20, pois parece que a aula torna-se mais alegre, mais dinâmica.”
(Profissional B2)

Neste momento, convém uma citação sobre a postura dos profissionais que, aparentemente, se negam a olhar a construção social do envelhecimento.

Pode-se dizer e criticar a despolitização dos sujeitos envolvidos e o caráter compensatório de intervenções que evitam olhar de frente a construção social do envelhecimento, com todas as suas implicações. Entretanto, toda ação educativa é potencialmente capaz de promover seu nível de reflexão e de autonomia. A educação é um processo que produz tensões e contradições no movimento da história. Seria um erro deixarmos que a percepção crítica das mazelas e dos limites de práticas pretensamente inclusivas, que servem mais aos interesses do capital do que aos do trabalhador, imobilize-nos e nos afaste do bom combate, na forma da relação dialética.(TAAM, 2009, p. 47).

Não se nega a integração e interação entre os pares que ocorre nesses programas, e que, mesmo com aparentes insuficiências, cada vez mais aumenta o número de grupos e de participantes e estes certamente irão se ampliar por certo tempo. Não que necessariamente deveria ter relação entre a participação e o grau de escolaridade, mas os idosos dessas ações geralmente não têm ensino superior e são de classes média ou baixa. Em contrapartida, com as condições de estudos cada vez mais facilitadas, o público de jovens, hoje, serão os velhos de amanhã e as atuais propostas, talvez, não vão mais ao encontro dos interesses desses futuros idosos. Por isso, é preciso repensar essas propostas, revendo principalmente seu caráter momentâneo, pois, muitas vezes, desconfiguram a ação pedagógica dessas ações. De outro modo, de fato, poderão orientar e criar condições à construção de um novo paradigma para a terceira idade e com base nele, propor instrumentos de intervenção educativa.

4.2.3. GRUPOS DE CONVIVÊNCIA PARA A TERCEIRA IDADE COMO “ALTERNATIVA DE EMPREGO”: CARACTERÍSTICAS PROFISSIONAIS A PARTIR DESSA PERSPECTIVA

No decorrer das entrevistas, ao questionar as profissionais quanto a sua inserção nos grupos de convivência, algumas apontaram como sendo uma alternativa de emprego. Essa ideia já transpareceu em falas citadas anteriormente. Outras disseram que se tratava de uma possibilidade de emprego logo após a formação acadêmica, ou posterior à atuação em outro emprego, por convite, insatisfação com outros trabalhos, ou mesmo interesse e afinidade com idosos, etc.

“Não sei, fui chamada num dia e no outro dia já tinha que dar aula. Fui acompanhar uma aula para ter uma noção do que se dava, pois até então eu só tinha noção de academia.”
(Profissional F6)

“Me chamaram na minha cidade pois queriam um professor de educação física para trabalhar com idosos.”
(Profissional B2)

“Eu trabalhava já como bibliotecária, aí foi montado o grupo e precisavam de alguém para ser conselheira do grupo, realizando reuniões, palestras, atividades e então me convidaram.”
(Participante L11)

“Na verdade, de primeiro momento, não seria interesse com idosos, mas sim, porque me apareceu esse emprego. [...] De início, eu achei ótimo, divertido, pois eu tenho um perfil divertido, era uma grande alegria. Agora não é tanto, não é mais, mas de início era bem divertido o trabalho, interessante trabalhar com idosos.”
(Profissional G7)

Outro dado que pode ser agrupado a essas falas, por ter relevância, é que oito profissionais, das treze entrevistadas, têm outro vínculo empregatício – professoras em escolas de ensino fundamental e médio, academia de ginástica, secretaria, transporte escolar, bibliotecária, treinamento esportivo, massoterapeuta, etc. Dessa informação, pode derivar uma série de desdobramentos, influenciando diretamente na forma de atuação e na maneira de como as profissionais percebem e assumem seus trabalhos nos grupos de convivência para terceira idade.

O fato de estarem trabalhando em diferentes locais, atividades paralelas, ou num primeiro momento, encararem o trabalho com idosos como uma alternativa de emprego, pode não implicar um agir ético, competente e coerente dentro da atividade profissional em que está inserido e se propõe a atuar. Por outro lado, como aborda Cenci (2009, p. 85), “O profissional pode ter uma postura questionável em relação à finalidade de sua profissão num outro sentido, qual seja, por reduzi-la a mero meio de vida ou emprego, importando-se apenas com o salário no final do mês.” Ou ainda, configurar o chamado “mal-estar da pós-modernidade” (BAUMAN, 1991), o dinamismo da contemporaneidade que induz a assumir várias coisas ao mesmo tempo sem, de fato, ligar-se à coisa alguma. Por conseguinte, a liberdade, o interesse, a criatividade, a motivação, dão espaço à obtenção de renda, para uma imaginável vida estável.

Esses e muitos outros fatores parecem alertar para a forma como as profissionais encaram o trabalho, no caso, com idosos. Como foi expresso durante a transcrição anterior da Profissional G7, e em mais outro trecho da entrevista, a qual segue, que além de ser marcado pelo desabafo e sinceridade, demonstra possíveis causadores desse descontentamento quanto ao seu trabalho:

“Não sei se é pelo cansaço, tempo de trabalho, pela rotina, pela falta de criatividade que hoje eu não tenho mais tanta, é tudo muito repetitivo, a relação com os idosos não é muito fácil, ela vai dificultando com o tempo, não sei se é porque eu fui mudando, mas é difícil lidar com aqueles poucos casos, terríveis quando tem. E também troca de chefia, parte política, coordenação, troca de coordenador, tudo isso, sempre estamos no meio. E em 9 anos de trabalho com idosos, eu não tive crescimento nenhum. Não tive uma possibilidade de melhorar, melhorar de salário, nada, nestes 9 anos sempre foi a mesma atividade, a mesma coisa, então realmente o interesse não tem como ser o mesmo, se você não recebe um estímulo.”

(Profissional G7)

“O sentimento de desilusão que pode desenvolver ao longo da carreira.” (SZYMANSKI; ALMEIDA; PRANDINI, 2001, p. 160), aliado à insatisfação, à falta de reconhecimento pelo profissional em relação ao seu trabalho desenvolvido em 9 anos com idosos, à falta de estímulo, de um salário adequado, são fatores que contribuem para essa situação. Talvez seja o caso da própria profissional necessitar de uma avaliação crítica sobre o seu agir, ou quem sabe, apresente um rigor exagerado. Todo esse emaranhado de fios demonstram diferentes modos de reagir diante das situações. Assim, o trabalho com idosos pode, no decorrer do tempo, desdobrar-se em maior interesse, potencializando nas ações que são desenvolvidas para esse grupo, como pode gerar apatia e descaso, um “enjoo” pela rotina.

É possível que esse desabafo esteja revelando uma passividade e desinteresse na relação entre as próprias profissionais, falta de comunicação, um desconhecimento quanto às reações dos seus “colegas” de trabalho no decorrer das atividades. O perfil dos profissionais parece carecer de uma formação em serviço, uma troca de informações entre o grupo, aparente falta de comunicação entre as esferas (profissional-empresa contratante-Secretarias de Assistência Social/Saúde/Cultura). Além disso, talvez o grupo necessite de uma criação de redes e serviços de apoio advindas dos gestores, os administradores dessas ações. E os profissionais enquanto grupo não estariam aptos a se autoestimular?

Cabe, aqui, trazer uma reflexão escrita por Lia Luft, na Revista Veja (2010, p. 24), sobre as relações entre o “Trabalhar e sofrer”:

O trabalho que dá valor ao ser humano e algum sentido à vida pode, por outro lado, deformar e destruir. O desprezo pela alegria e pelo lazer espalha-se entre muitos dos nossos conceitos, e nos sentimos culpados se não estamos em atividade, na cultura do corre-corre e da competência pela competência, do poder pelo poder, por mais tolo que seja. Assim como o sofrimento pode nos tornar amargos e emocionalmente estéreis, o trabalho pode aviltar, humilhar, explorar e solapar qualquer dignidade, roubar nosso tempo, saúde e possibilidade de crescimento.

Esse círculo de infelicidade e alienação, provocado pelo trabalho, pode resultar em uma atuação baseada no “agir pelo agir” sem muito tempo, envolvimento e dedicação para reflexões e responsabilidades. É o que pode estar acontecendo com algumas dessas profissionais entrevistadas, as quais assumem o trabalho com idosos como mais um emprego, uma forma de renda. Muitas vezes em atividades técnicas, limitando-se ao que é proposto, ou a partir da cópia de outros moldes, um modo padronizado de intervir. Algo imposto por questões burocráticas de quem os gerencia, muitas vezes, aliado à falta de estímulos, à falta de tempo, por questões financeiras, resulta em um fazer sem grandes pretensões. Como pode ser percebido nitidamente nesta fala,

“No início eu controlava mais, um perfil mais autoritário, cobrava. Hoje em dia, não faço mais, pois não valeu a pena, não recebia o retorno da chefia para lidar com os casos mais graves. Hoje em dia, sou tranquila, vou dar minha aula e vou embora.”
(Profissional G7)

Esse depoimento amplia a ideia de que há vários fatores que fazem o indivíduo mudar, o que considera como verdade hoje, amanhã pode não ter tanta valia. Bem como rege Morin (1999, p. 104):

Ao contrário do que nos pareceria lógico, não há mais hierarquia razão/afetividade/pulsão, ou antes, há uma hierarquia instável, em permutações, rotativa, entre as três instâncias, com complementaridade, concorrência, antagonismos e, conforme os indivíduos ou os momentos com dominação de uma instância e inibição de outras.

No caso da profissional que apresenta certo descontentamento com o trabalho, para ela, naquele momento, foi uma possibilidade/oportunidade (por ser atraente, pela questão financeira, primeiro emprego, aparentemente empatia, fascínio, etc.), mas no decorrer dos tempos, somado a outros fatores, não é mais motivo de satisfação, percebeu que não é mais o público com o qual ela consegue “idealizar seus resultados”. E mais, a não satisfação não implica dizer que o profissional não está agindo coerentemente no seu trabalho, pode não gostar do que faz, é coeso, todavia, com o público e a proposta do emprego em que atua.

O inverso também pode ocorrer, a insatisfação em trabalhos anteriores pode fazer com que o olhar se volte ao trabalho com os idosos, proporcionando aptidão, afinidade, interesse, como pode ser percebido pelas falas seguintes:

“De primeiro momento, buscava algo diferente, estava cansada de lidar com jovem, forte, marombeiro, atleta. Já trabalhava com qualidade de vida, mas tudo isso em uma estrutura empresarial. Foi o desejo de experimentar, mas não tinha vivência.”
(Profissional E5)

“Trabalhava com disciplinas mais pesadas da educação física, mas eu não me sentia satisfeita, pois os alunos não te dão aquele retorno. Morava em outra cidade, retornei e apareceu essa oportunidade, o salário é uma miséria, mas o prazer de estar com o grupo compensa o não ganhar bem.”
(Profissional H8)

E mais, em alguns casos se mostra como um interesse, desejo, uma afinidade apresentada pelo profissional:

“Sempre quis entrar no DATI, mas pela falta de experiência fazia com que eu não entrasse e trabalhasse com idosos.”
(Profissional A1)

“Me formei, fui trabalhar e demorei 3 anos para entrar no DATI, fui atrás, fiz cursos voltados para a terceira idade, era um público com que eu queria trabalhar, que eu tinha e tenho interesse, gosto e acho o trabalho com idosos muito gratificante.”
(Profissional C3)

“Se for ver na parte financeira, eu já teria largado, mas hoje eu vejo pelo lado pessoal é bom, eu me realizo, dando aula para eles.”
(Profissional B2)

“O que eu vejo como em qualquer outra profissão, algumas estão mais pela oportunidade do emprego, e pela questão da “fuga da escola”, já ouvi colegas dizendo: - Eu vim dar aula, aqui, porque criança e adolescente são rebeldes e aqui os idosos são mais “maleáveis”. Alguns, nem todos são, às vezes, muito pelo contrário. A questão da indisciplina, bullying, todo mundo quer fugir. Então eu vejo assim, que algumas pessoas, não só no DATI – CREATI ficam ali no emprego, oportunidade momentânea, aí não se envolvem com a questão, não compram a ideia, não vestem a camiseta, porque hoje estão ali, mas amanhã podem estar em outro lugar.”
(Profissional D4)

Todas as falas citadas anteriormente remetem e colaboram com a ideia de que o perfil das profissionais se caracteriza por uma série de fatores, como dizia Paulo Freire (1996, p. 19), isso “significa dizer que somos seres condicionados, mas não determinados.” Uma rede de relações que permeia pela formação acadêmica, a interação com o ambiente, experiência profissional, oportunidade de emprego, afinidades e frustrações. E por que não comentar os fatores genéticos¹², pois as pesquisas avançam e mostram que o genoma humano evolui por sua própria natureza, é sujeito a mutações, e as expressões se potencializam de maneira diferente, segundo o ambiente natural e

¹² Não é proposta do estudo aprofundar a análise sobre o assunto, os comentários sobre os fatores genéticos foram tecidos a partir da reportagem “Genômica: decifrando a linguagem da vida”, Revista Textual de outubro de 2007.

social de cada indivíduo, incluindo o estado de saúde do indivíduo, suas condições de vida, nutrição e educação.

Sobre o assunto, Cachioni (2003, p. 29), em pesquisa semelhante, intitulada *Quem educa os idosos?*, encontrou características semelhantes e destaca que,

[...] entre os traços necessários a um bom educador que desempenha seu trabalho com idosos, deve constar uma formação adequada, ter iniciativa pessoal, gostar de idosos e ter capacidade de improvisação. Esses, porém, não são elementos suficientes para assegurar o desenvolvimento de qualquer trabalho destinado a esse segmento etário.

A capacidade de improvisação pode ser percebida no relato da profissional B2.

“Você está preparada para dar uma aula, chega lá e percebe que está muito calor, vai ter que mudar tua aula, moderar, fazer alguma coisa mais calma. Se você vê que eles estão mais agitados, dá uma aula mais agitada. Tem que estar preparada para as eventualidades que acontecem durante a aula.”

Sobre a atuação profissional, Botomé também colabora (1994, p. 45)

Hoje já é bastante conhecido que ninguém atua sem duas condições: 1) age em função dos próprios condicionamentos (história pessoal, genética e de aprendizagem e situação atual de inserção da realidade, no meio em que vive) e 2) atua com as racionalizações para justificar o que faz (ideologia declarada, discurso produzido para compatibilizar valores e ações). Isso exige uma severa vigilância e uma profunda e exigente preparação para lidar com o próprio comportamento e seus determinantes.

Também não se pode deixar de comentar as dificuldades burocráticas, muitas vezes impostas pelos gestores dessas profissionais, os quais parecem desconhecer a realidade que administram. Mais afundo, parece transparecer um problema que vai além da administração dos profissionais, mas em termos governamentais, divisão de secretarias de atenção, descentralização do poder e aparente não comunicação entre elas. Muitos aspectos parecem encontrar-se tolhidos por normas e deveres que os amarram diante das situações vivenciadas no interior dos grupos. Soma-se a tudo isso ainda a aparente falta de suporte na realização das atividades, sendo, em muitas ocasiões, realizadas em locais e com materiais inapropriados (ginásios esportivos, salões). Além disso, falta apoio aos profissionais, a fim de que possam agir coerentemente e de forma apropriada dentro do que é proposto.

Suporte técnico, mas também amparo psicológico/emocional, aos quais, com sua insuficiência, acaba influenciando diretamente no agir profissional e na condução

das atividades aos grupos, o que repercute na vida dos idosos. Veja-se alguns exemplos nos excertos que seguem:

“A empresa nos disse que não devemos aferir a pressão, pois não somos da área direta da saúde, nem técnica nem médico e nós mediamos por uma questão de segurança. Vamos dar uma atividade física, a pressão é algo que muitas vezes não demonstra aparentemente, aí você vai trabalhando com o aluno, ele vai, acha que pode fazer, aí acaba não tendo certo respaldo para trabalhar com eles depois dessa normativa.”

(Profissional F6)

“Nós fazemos a parte da prevenção, mas, desde a ficha de saúde nós é que temos que fazer, isso não cabe a nós. Eu tenho qualificação para trabalhar atividade física com eles, isso não quer dizer que eu vou fechar meus olhos e não vou fazer outra coisa, mas não é minha competência fazer isso, e é um problema, pois entram pessoas que não têm estrutura para aguentar e trabalhar tudo isso que daí, quando começam a surgir problemas, eles se desesperam e aí o momento que o professor que é o pilar ali na frente se desespera está tudo ruim.”

(Profissional F6)

“Cabem outros profissionais e até ter oportunidade em termos de gestão municipal, ter como indicar ao idoso. Tínhamos psicólogo, fisioterapeuta, têm mais de 2000 idosos. Nós indicávamos e eles iam, fluía. Agora descentralizaram tudo para a Secretaria de Assistência Social. O DATI que são os grupos de convivência para 3ª idade e teria que atender todas essas necessidades agora não é. Virou grupo de prática de atividade física e é tudo comandado por professor.”

(Profissional I9)

“Se tornou com certo padrão. Tinha aula de música, tudo cabe, nada é único, os profissionais da área da saúde, precisa. Os que não podem fazer (Parkinson, cadeirantes) não têm atividades para esse grupo. Muitos vêm somente pela interação social, contato, conversa e não atividade física.”

(Profissional I9)

De um lado, parece se apresentar a forma hierárquica de poder, aliada à falta de compreensão e suporte sobre a realidade que as profissionais estão vivenciando. Por outro, revela a compreensão dessas profissionais sobre as deficiências existentes, mas também atesta, como discutido anteriormente, a passividade delas diante da situação, pois não buscam reivindicar, exigir (ou não são ouvidas) formas mais apropriadas ao trabalho, bem como maior exigência quanto a formas de segurança e suporte, tanto para as profissionais, como para os idosos. Também, conforme já apontado, há a necessidade de inserção de outros profissionais, os quais abarcariam outras questões e formas de intervenção, não somente dando destaque às atividades ligadas ao corpo, poderiam, dessa forma, abranger outros públicos de idosos.

Não é aceitável, sem cinismo e covardia, responsabilizar outros e isentarmos a nós mesmos das responsabilidades. Aliviar a culpa aparentar inocência e isenção porque outro é culpado define o que consideramos o “expediente do bode expiatório”, sempre que alguém é sacrificado, os demais sentem-se “expiados”, inocentes, isentos da responsabilidade pelo que acontece. É um mecanismo alucinógeno, que leva a viver em uma realidade artificialmente construída. E, o pior, falsificada. Ao considerar que no fundo, sabemos que essa realidade é falsificada, é virtual, realizamos mais um dos fenômenos contemporâneos, o fortalecimento de uma razão cínica que invade todos os momentos e circunstâncias de nossa vida e que sutilmente, nos transforma, nos múltiplos graus que é possível, em mentirosos que acreditam, por conveniência, nas próprias mentiras.(BOTOMÉ, 1994, p. 22).

Esses fatores interferem diretamente na forma como são conduzidas as atividades nos grupos, bem como delinea um perfil de profissionais que pode se mostrar descrente e desinteressado pela atuação com o público idoso. É provável que essas ações possam estar gerando uma reação em cadeia, sobre a qual nem mesmo os envolvidos se dão conta, nem do contingente de pessoas que influenciam: gestores, profissionais, idosos, e os que fazem parte da vida dessas pessoas, seus familiares, amigos, vizinhos. Sendo assim, pode-se dizer que

[...] não temos um ponto de referência fixa e absoluta, ao qual possamos ancorar nossas descrições e deste modo defender sua validade. [...] Vemo-nos, então, diante do problema de entender como nossa experiência está acoplada a um mundo que vivenciamos como contendo regularidades que resultam de nossa história biológica e social. Nessa trilha mediana, encontramos a regularidade do mundo que experienciamos a cada momento, mas sem nenhum ponto de referência independente de nós mesmos, que nos garanta a estabilidade absoluta que gostaríamos de atribuir as nossas descrições. (MATURANA ; VARELA, 2001, p. 262-263).

São vários os fatores que influenciam para a realização das atividades nos grupos de convivência, o produto (no caso, a atividade dos grupos) é fruto de todo um processo que antecede sua realização. Analisar a realidade dos grupos por um único foco acaba por desconsiderar todos os demais fatores que influenciam a trajetória de vida de cada pessoa envolvida. Tais como, o estilo de vida, sua cultura, as relações familiares, a escola, em seu papel de educadora no desenvolvimento crítico e de proposições práticas em relação à construção de comportamentos e os fatores acidentais.

4.2.4. EM FOCO A EDUCAÇÃO FÍSICA NOS GRUPOS DE CONVIVÊNCIA PARA A TERCEIRA IDADE

Como pôde ser evidenciado na Tabela 2, a área de formação de maior predominância entre as profissionais é Educação Física, sendo que nove das treze entrevistadas frequentaram a mesma instituição de ensino. Essa maior concentração de profissionais pode ser reflexo das atividades realizadas nos grupos de convivência, com

um Plano de Ação¹³ basicamente voltado à realização de atividade física, “cujo princípio é a promoção do envelhecimento saudável, a partir da movimentação do corpo, como sinônimo de vida” (PA, 2004). Possivelmente a criação dos grupos tenha sido baseada em concepções semelhantes às descritas na “Teoria da Atividade”, nas quais os indivíduos se ajustam às mudanças relacionadas à idade, a partir do manter-se ativo. Está baseada em duas hipóteses:

[... a primeira aponta que as pessoas mais velhas e ativas são mais satisfeitas e mais bem ajustadas do que aquelas que são passivas. Já a segunda hipótese estaria vinculada ao fato de que pessoas mais velhas podem vir a substituir perdas de papéis por novos, para manterem seu lugar na sociedade. Assim, à medida que as pessoas vão saindo do mercado de trabalho, ou mesmo que vão deixando de ocupar papéis sociais, as pessoas mais velhas buscariam atividades compensatórias àquelas anteriores. Tais atividades têm como finalidade trazer maior satisfação à vida das pessoas adultas maduras e idosas, tornando-as mais ativas. A teoria da atividade, a partir da sua formulação, influenciou comportamentos de pessoas mais velhas e também contribuiu para o surgimento de políticas públicas nos anos 70, permitindo maior flexibilidade para o surgimento de movimentos sociais, centros de lazer e da educação não formal para adultos maduros e idosos. (DOLL et al., 2007, p. 12).

Trata-se de uma perspectiva um tanto preservacionista e unidirecional, Salgado (1992, p.158) também corrobora, com um possível argumento explicativo para essa tendência:

O século atual recebeu e desenvolveu essa imagem negativa (da velhice), sobretudo a fragilidade biopsíquica e a decadência. Isso aconteceu exatamente na época em que crescia a moral que valorizava os homens pela sua força física e capacidade de produção. Como resultado, a importância social dos idosos e as funções a eles atribuídas se tornaram praticamente inexpressivas [...] Ressaltam-se, no velho, apenas a perda. Nunca se enaltecem as conquistas.

Paralelamente, outra possível explicação à adoção dessas atividades e à inserção dessas profissionais nos grupos de convivência, talvez, seja em função do fato de que, de certo modo, a disciplina de educação física ainda parece seguir princípios técnicos organizados a partir da “uniformidade, a ação de moldar as pessoas, interesses, realidades, projetos de vida diferentes, sob o mesmo padrão, em nome de objetivos a serem atingidos, tendo como parâmetro a ‘média’ dos seres envolvidos.” (MOREIRA, 1988, p. 265). Essa preocupação se reflete na fala de um das profissionais ao comentar como conduz sua aula nos grupos de convivência:

¹³ Conforme citado no item anterior “Atividades desenvolvidas nos grupos de convivência para a terceira idade”

“Seja coerente, se dói para ti, para eles, já está doendo há muito tempo, então não precisa você exagerar. Se eu dou só 10 repetições, é porque eu quero com vocês mobilidade, eu não quero trabalhar a musculatura, se eu tivesse numa musculação com vocês, eu iria estar trabalhando no mínimo 30 repetições de cada movimento. Pois muitos questionam por que não se faz mais. O perfil deles é dar força e resistência para que eles possam se locomover com facilidade, esse é o objetivo.”

(Profissional F6)

“[...] a autonomia e saúde e dentro da atividade física, a mobilidade que é o que eles perdem muito com o envelhecimento.”

(Profissional I9)

“Pega o exercício que tu dá no colégio e você consegue fazer a mesma coisa só em ritmo diferente.”

(Profissional B2)

Nesse mesmo tracejado, convém discutir a perspectiva descrita por Foucault (2000, p.12-13), que traz a ideia de “corpos dóceis”, em que o objetivo basicamente não estaria no cuidar do corpo, mas em trabalhá-lo detalhadamente, exercendo sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível de mecânica – movimentos, gestos, atitudes, rapidez: o poder infinitesimal sobre o corpo ativo. Uma modalidade que implica uma coerção ininterrupta, que vê-la sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha, ao máximo de tempo, o espaço, os movimentos. Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhe impõe uma relação de docilidade-utilidade, são o que se chama de disciplina. Forma-se, então, uma política das coerções, um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos e de seus comportamentos. Esse princípio pode ser um dos indutores para a adesão de programas voltados à prática de exercícios físicos com a população idosa, visto que seu contingente cresce progressivamente.

Continuando o raciocínio, adentrando na formação das profissionais entrevistadas, de acordo com suas falas, demonstraram apresentar uma atuação mais tecnicista, cuja formação pode ter sido conduzida no sentido de que o aluno é mero receptor de informações; o professor, transmissor dessas informações. Mesmo ocorrendo mudanças pedagógicas e do próprio conhecimento, muitos profissionais não se apercebem dessa realidade. Seguem ensinando técnicas e procedimentos encontrados em autores, cujas condições de construção desse conhecimento técnico, nem eles mesmos sabem a data. Parece ter origem em velhos manuais, cuja atualização está

apenas relacionada ao fato de serem publicados em papéis acetinados e encadernados com requintes e cuidado.

Uma atuação baseada em tais princípios sem grandes compreensões/discussões sobre os temas apresentados pode repercutir numa ação profissional baseada na “aplicação e/ou reprodução de técnicas”. E mais, a apreensão dessa visão unidirecional pelos alunos pode acabar por criar “antolhos”, os quais compreendem os procedimentos oferecidos e adotados como “sendo bons por si só.” Os riscos desses procedimentos são induzir atitudes preservacionistas nos idosos, alegando que,

Para serem saudáveis, os idosos precisam de complementos alimentares, exercícios mentais e físicos, e precisam mascarar as marcas do tempo, pois nossa sociedade lê e interpreta, em tais marcas, os sinais da finitude: A sociedade atual não suporta o corpo velho, com suas marcas, como uma cartografia do tempo. Ela clareia manchas, escurece fios, alisa. Maquia. O velho, para ser aceito precisa ser outro, que não ele. Seu corpo é reescrito numa linguagem apta às normas do consumo. Ser velho sem rugas, sem ter cabelos brancos ou pele flácida, cuja performance, principalmente sexual, pode ser garantida dando-lhe cada vez mais o desejo de vida que o afasta da morte. (PARK, 2003, p. 74).

Além desse aspecto, há ainda uma possível mercantilização do envelhecimento humano, que torna o idoso alvo da mídia, circunda-o, principalmente, com esforços direcionados ao “manter-se jovem”. Sobre o assunto, Featherstone (1992, apud DEBERT, 2004, p. 20) contribui:

Concepção autopreservacionista do corpo que encoraja os indivíduos a adotarem estratégias instrumentais para combater a deteriorização e a decadência (aplaudida pela burocracia estatal, que procura reduzir os custos a saúde educando o público para evitar a negligência corporal) e agrega a essa concepção a noção de que o corpo é um veículo de prazer e da autoexpressão.

Além disso, um uso padronizado de atividades pode acabar por desconsiderar o caráter individual dos participantes dos grupos de convivência para a terceira idade, engessando possíveis relações e trocas de conhecimento, uma construção recíproca existente entre profissional-participante e participante-profissional.

Vivemos no mundo e por isso fazemos parte dele; vivemos com outros seres vivos, e, portanto partilhamos com eles o seu processo vital. Construímos o mundo em que vivemos ao longo de nossas vidas. Por sua vez, ele também nos constrói no decorrer dessa viagem comum. Assim, se vivemos e nos comportamos de um modo que torna insatisfatória a nossa qualidade de vida, a responsabilidade cabe a nós. Mesmo que de imediato não percebamos, somos sempre influenciados e modificados pelo que experienciamos. Para mentes condicionadas como as nossas não é nada fácil aceitar esse ponto de vista, porque nos obriga a sair do conforto e da passividade de receber informações vindas de um mundo pronto e acabado, tal como um produto recém-saído de uma linha de montagem industrial e oferecido ao consumo. Mais ainda, é um convite à assunção das responsabilidades que ela implica.

Não se pode tirar a contribuição das propostas e dos profissionais atuantes na melhoria da qualidade de vida e condições aos idosos. Talvez seja necessário compreender, de forma mais aprofundada essas demandas, com suas múltiplas facetas, para que, de fato, sejam criadas melhores condições, para amarrar características tão diferentes, respeitando as idiossincrasias dos indivíduos, de modo que resulte em uma totalidade. E mais, é preciso um trabalho em conjunto, com as diferentes áreas do saber, a fim de que se consiga concatenar as informações e transformá-las em ações coerentes com a realidade.

4.3. CARACTERÍSTICAS INTERESSANTES ABORDADOS PELOS PROFISSIONAIS E QUE CONTRIBUEM PARA A CARTOGRAFIA DO ENVELHECER HUMANO

4.3.1. ASSUMIR A FUNÇÃO E NÃO A PESSOA

No decorrer das entrevistas, alguns aspectos foram apontados, os quais permitem uma compreensão mais abrangente das profissionais sobre pontos interessantes que ocorreram durante as atividades nos grupos de convivência. No caso deste item, o texto discorre a partir das falas das profissionais sobre como os idosos acabam reagindo e, por sua vez, negligenciando termos e expressões que aparentemente distorcem o sentido de envelhecer.

“Eles não gostam de ser chamados de Senhor e Senhora, quando eu comecei a trabalhar sentia dificuldade, eu quando chegava numa aluna e dizia “a Senhora” ela dizia que não chamasse de Senhora. Eles preferem que chamem pelo nome. Também não gostam que dirijam termos como “menino” e “menina”.”

(Profissional B2)

“Nenhum livro me disse que eu não deveria chamar de “vozinho” ou tratar no diminutivo, nenhum livro teórico, mas existe – eu que não li. O que eu posso dizer é que na poesia de Mario Quintana é bem debochado e irônico depois de velho tudo ficou no “inho/inha”. – Cuidado com tua cadeirinha, para não machucar a perninha! Isso eu fui aprender com minha prática e no Grupo e com meus avós. Minha avó não gosta que chamem ela de vozinha, ela diz que é avó dos netos dela, ela não é avó da mulher da esquina, ou da mulher da feira. Então ela diz – Eu tenho nome, meu nome é Maria. Eu acho que uma das melhores coisas que o grupo pode trazer para o idoso/velho é o resgate do nome, ser chamado pelo nome, pois, na casa, é chamado de avô/avó, ou pai/mãe e o nome nunca aparece. Até a pessoa que nunca viu chama “vozinho” na farmácia para comprar remédio. Eu via pelos professores e experiência com colegas, chamava de “meninos(as)”, acho errado, é um eufemismo, uma ilusão e eu via que não era por mal, mas por falta de orientação.”

(Profissional D4)

“Eu acho importante se manter a criança dentro da gente, porque eles não estão fazendo isso o tempo todo, estão fazendo isso num momento único, numa dança, ou brincadeira ou peça de teatro. Mas existe na sociedade a conotação de que o idoso está regredindo.”
(Profissional E5)

Segundo Santin (1992, p. 16)

[...] é preciso habituar as pessoas à monotonia da unidimensionalidade imposta pelos princípios do rigor científico e pelas normas da funcionalidade do sistema produtivo da sociedade industrial. O que importa não é o ser humano, mas a função que ele vai desempenhar. A pessoa pensante desaparece, o que permanece é a função. Por isso, é fundamental preparar novos funcionários que, falsa e cinicamente, são chamados de cidadãos qualificados.

Ainda Debert (2005, p. 108) alerta quanto aos riscos e as possíveis consequências dessa forma identitária, introjetada no envelhecimento humano:

[...] quando você cria uma identidade fixa, acaba por criar, o índio, o branco, a mulher ou o velho hiper-real. E aquele velho que diz que não é velho, que diz não se considerar velho, é visto com um certo rancor, porque ele não está agindo de acordo com esse modelo ideal do velho correto, do velho bonzinho, do velho quietinho, e, sobretudo do velho consciente das formas através das quais ele é discriminado e oprimido como velho.

Por outro lado, Novaes (1997, p. 161) explica que a noção de “construção da subjetividade é feita através de múltiplas interações com o meio. A identidade não é uma noção estática e constante, mas sim relativa ao que ‘Eu fui’, ‘Eu sou’ e ‘Eu serei’”. Já que a identificação supõe um sentimento de pertencer e de fazer parte do grupo ou coletividade.”

Também Park e Groppo (2009, p. 29) lembram que a infantilização, comum em tal segmento, deve ser banida – nada de vizinhos, tiozinhos. Os sujeitos têm nome, ao serem perguntados sobre tal prática, respondem que se sentem menosprezados: “Não somos crianças!”, dizem eles.

Em uma crônica intitulada *São Jorge e o Dragão*, Rubem Alves (2002) expressa muito bem esse sentimento, além disso, nessa crônica, o autor diz algo que se alia ao que foi dito por uma profissional anteriormente:

Aconteceu faz mais ou menos um mês. Era a festa de aniversário de minha nora. Muitos amigos, casais jovens, segundo minha maneira de avaliar a idade. Eu estava assentado numa cadeira num jardim observando de longe. Nesse momento chegou um jovem casal amigo. Quando a mulher jovem e bonita me viu, veio em minha direção para me cumprimentar. Fiz um gesto de levantar-me. Mas ela, delicadíssima, me disse: "Não, fique assentadinho aí..." Se ela me tivesse dito simplesmente "Não é preciso levantar", eu não teria me perturbado. Mas o fio da navalha estava precisamente na palavra "assentadinho". Se eu fosse moço, ela não teria dito "assentadinho". Foi justamente essa palavra que me obrigou a levantar para provar que eu era ainda capaz de levantar-me e assentar-me. Fiquei com dó dela porque eu, no meio de uma risada, disse-lhe que ela acabava de dar-me uma punhalada... Conteí esse acontecido para uma

amiga, mais ou menos da minha idade. E ela me disse: "Estou só esperando que alguém venha até mim e, com a mão em concha, bata na minha bochecha, dizendo: "Mas que bonitinha..." Acho que vou lhe dar um murro no nariz..."

Essas reflexões foram trazidas para compreender que a pessoa, em qualquer faixa etária, deve ser respeitada como pessoa. Somos seres humanos com trajetórias singulares. É preciso repensar o envelhecimento humano num aspecto amplo. E mais, o que pode ser percebido é que, de fato, as profissionais estão conseguindo captar informações e transformá-las, mesmo que seja em relação às expressões e aos termos utilizados pelos outros para referir-se à velhice, os quais, muitas vezes, podem muito mais magoar do que soar como palavras suavizadas.

4.3.2. FEMINILIZAÇÃO DOS GRUPOS DE CONVIVÊNCIA PARA A TERCEIRA IDADE

O trabalho oferecido nos grupos que fizeram parte desta pesquisa tem despertado a atenção e o interesse especialmente das mulheres, talvez por ser um espaço fora do seu cotidiano, um lugar onde elas podem fazer novas experiências, transcender as limitações do dia a dia e achar formas de autorrealização desconhecidas, muitas vezes, durante sua vida anterior. Como pode ser percebido nas falas das profissionais,

"Tem muitas viúvas que dizem: 'agora eu estou vivendo.'"
(Profissional B2)

"Elas vêm de uma época em que a mulher era a empregada da família, do marido, dos filhos, dos netos. A nossa geração será de outras mulheres. A mulher se doava muito mais, ela se impunha sacrifícios, que na verdade se tu fores discutir filosoficamente eram desnecessários. Ela se anulava pra viver o outro."
(Profissional N13)

"Após a morte do companheiro ela se liberta."
(Profissional B2)

"Tenho um exemplo, um coordenador de grupo com 81 anos, a esposa está com Alzheimer, até então ele ia aos eventos sociais com a esposa, dançava com ela, agora ela não sabe mais, não está mais conectada e ele ficou desorientado, por não saber mais se vai nos bailes ou não, pois parece um "enxame de abelhas" atrás dele. Ele chega a se sentir ameaçado, porque elas vêm atrás."
(Profissional N13)

"Eu me reporto à antropologia, a fêmea sempre está em busca de um macho pra procriar ou manter sua prole. Tudo bem que não existe mais essa questão, mas antropologicamente continua esse instinto."
(Profissional N13)

“É uma questão particular, são mais introvertidos, vergonha do novo, de se integrar, de se soltar, com mais mulheres, eles se sentem recuados, dão desculpa que têm muito o que fazer, eles ficam em casa sem fazer nada. Ou não se acham. É uma coisa boa participar, atividade, movimento, exercício, eles dizem que não precisam, não são velhos. Desculpa. Questão deles próprios, questão física e psíquica, machismo. A mulher é mais sensível, cabeça aberta, busca, se isso me fizer bem, eu vou.”

(Profissional I9)

Estudos realizados sobre a presença de idosos de ambos os gêneros, em grupos de convivência, demonstram diferentes entendimentos e hipóteses acerca do assunto:

O ambiente pode favorecer ou inibir a expressão destes ou daqueles caracteres genéticos num indivíduo’ (Morin, 1989, p. 61). O paradigma da terceira idade é a inibição do paradigma biológico que informa aos indivíduos de uma espécie que perderam sua capacidade reprodutiva, que eles não têm mais serventia e podem ficar para trás. Talvez isso ajude a explicar por que a grande maioria das pessoas que participam das atividades de terceira idade seja mulheres. Outra possibilidade da menor presença masculina [...] e das dificuldades de se implantar programas de atividades lúdicas está na fetichização do mundo do trabalho pelos homens. (BAGGIO ; VIEIRA, 2003, p. 17).

Ao mesmo tempo em que os grupos de convivência são entendidos como promotores do bem-estar, do envelhecer saudável e da inclusão social para o idoso, observa-se que, no Brasil, a participação dos idosos nos grupos, em relação ao gênero, encontra-se na seguinte proporção: 90% são mulheres e 10% são homens (Araújo, Coutinho, Carvalho, 2005; Kroeff 2001; Debert, 1988). Os números revelam diferença considerável em termos de participação nos grupos, por gênero, e criam possibilidade de questionamento. Se os grupos de convivência promovem a inclusão social do idoso e promovem o envelhecer saudável, por que há diferença em relação à participação de mulheres e homens nos grupos? Que conhecimentos devem ser contemplados no processo de formação profissional de recursos humanos para assegurar que os prestadores de serviço a idosos sejam qualificados e treinados para que os programas alcancem os objetivos desejados? Que características devem ter os programas direcionados a terceira idade considerando as diferenças de interesses e necessidades de pessoas com nível socioeconômico e cultural diferentes? As respostas a estas questões certamente poderão contribuir para definir políticas e estratégias de ação que contemplem os idosos em seus diferentes contextos culturais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise, foi possível observar que o perfil dos profissionais que participam dos grupos de convivência para a terceira idade tende a ser construído por um somatório de condicionantes. Dentre eles, a formação acadêmica parece definir o tipo de atividade, bem como o modo de desenvolvê-la no trabalho com os idosos. Todavia, uma série de fatores influencia/contribui para a forma como o profissional conduz as atividades nos grupos: formas como construíram/constroem seus conhecimentos sobre o envelhecimento humano, como o profissional percebe/encara o trabalho nos grupos, influências burocráticas, formação acadêmica, inter-relações com os idosos. Esses fatores não caminham isolados, mas estão concatenados. Dependendo de como os profissionais percebem o envelhecimento humano, as diversas formas de construção de conhecimentos, as influências externas acabam por promover diferentes traços/características no comportamento dos profissionais no trabalho com idosos.

O estudo possibilitou as seguintes constatações:

1. Mapeamento geral dos grupos de terceira em que os profissionais atuam. Os participantes têm idades entre 40 a 89 anos; na maioria são do gênero feminino; com baixo nível de escolaridade. As atividades realizadas geralmente ocorrem duas vezes durante a semana, em ginásios esportivos, centros comunitários, com número de participantes que variam de 10 a 107 pessoas.

2. Nos grupos, em geral, são desenvolvidas atividades direcionadas à atividade física, tais como: alongamentos, ginástica, exercícios físicos, e são acrescentados exercícios para a memória, dança, brincadeiras, mensagens reflexivas, orações. Também são oferecidas oficinas específicas de artesanato, literatura, “neurocerebral”, música, alongamento, além de bailes e jogos recreativos.

3. Como foco principal da pesquisa foi possível identificar as seguintes características do perfil dos profissionais que atuam nesses grupos de convivência.

3.1 Formação acadêmica

3.1.1 Caracterização de treze profissionais com formação acadêmica, sendo, na sua maioria, profissionais graduados na área de Educação Física, mas também há

profissionais formados em Letras, Educação Artística, Administração, Ciências Biológicas e Psicologia.

3.1.2 A maioria dos profissionais entrevistados não cursou pós-graduações.

4. A construção do conhecimento dos profissionais sobre aspectos referentes ao envelhecimento humano tem sua gênese, a partir de uma série de condicionantes dentre eles:

4.1. Contato com atividades, temas, assuntos sobre o envelhecimento humano durante o processo de graduação: participação em semanas acadêmicas, projetos de extensão, disciplinas com práticas direcionadas ao público idoso.

4.2. Cursos, palestras, conferências, capacitações, livros, internet, televisão: geralmente ligados à área específica de atuação, na maioria, com temas relacionados à atividade física e recreação para a terceira idade.

4.3. Convivência no âmbito familiar com pessoas velhas: um importante modo de entender o envelhecer humano, que aponta à inserção de temas relacionados à velhice nas escolas.

4.4. Observação e troca de informações com outros profissionais que atuam com idosos: por mais que ocorram trocas, essas parecem carentes e num caráter menos formal, em bailes ou encontros nos jogos de recreação.

4.5. Interação com idosos nos grupos de terceira idade: exigências (implícitas/diretas) por parte dos idosos por outras formas de incrementar as atividades desenvolvidas nos grupos, fazendo com que os profissionais busquem constantemente formas de educação complementar num caráter mais amplo, muitas vezes, além da área de formação.

4.6. Com a prática profissional, “*eu tive que aprender na prática, fazendo*”: um “aprender” como conduzir as atividades e as particularidades a partir da prática, com a atuação nos grupos de convivência.

A atuação dos profissionais dentro dos grupos de convivência tem um saber que não parte de um ponto fixo e exato, mas em constante construção e com base em

vários elementos que se entrelaçam entre si. Conhecimentos prévios vindos da família, da convivência, da sociedade, entre outros, bem como a partir de uma formação acadêmica, que, em muitos aspectos, ainda parece limitada, com concepções fragmentadas, com pouca ligação entre as áreas. Em relação às compreensões sobre o envelhecimento humano, parece ser constituído muito mais por meios informais do que pela educação formal, com pouca abordagem de temas e reflexões durante o período de graduação.

5. Visão dos profissionais sobre o envelhecimento humano, atuação nos grupos de convivência e atividades realizadas:

5.1. Percepções, conceituações e entendimentos sobre o envelhecimento humano pouco elaborados, que deixam transparecer certa ingenuidade, compreensões vagas, acríticas, imparciais, fechadas e até restritivas, basicamente ligam a velhice à parte física. *Ação profissional baseada na “aplicação e/ou reprodução de técnicas”*. O que pode ser reflexo de uma formação acadêmica limitada, com concepções fragmentadas, dividindo corpo e mente, tecnicista.

5.2. A adoção de posturas “preservacionistas”, o que pode corroborar com as concepções fragmentadas e reducionistas, com concepções biologizantes, agregando ainda mais ao envelhecer a ideia de deterioração do corpo, sendo a adoção de “medidas paliativas” o “remédio” para seu retardo.

5.3. Também pôde ser percebido que, ao agregarem conhecimentos sobre o envelhecimento humano vindos da vivência no ambiente familiar, com os vinculados durante o processo de graduação, pós-graduação e os adquiridos em formação continuada, puderam formular de ideias com um caráter mais amplo sobre o assunto. Isso pode refletir diretamente em como o profissional irá atuar na realidade e nas situações em que está inserido.

5.4. Os profissionais parecem engessados a um plano e seguem as atividades para as quais foram contratados, apresentando baixa autonomia nas propostas, ingenuidade e acabam por criar “antolhos” em relação à expansão e aprimoramento das ações desenvolvidas.

5.5. Nos grupos de convivência, os participantes são “geralmente pessoas que não têm problemas sérios, todos caminham sozinhos, alguns vão até com dificuldades, mas acabam indo e ficam sentados.” Há o risco de se criarem “guetos” de idosos ou um grupo segregado, restringindo a participação de pessoas aparentemente bem fisicamente.

5.6. Os profissionais mencionam os objetivos dos grupos de convivência, quanto aos possíveis locais para a interação social, convivência, orientação para a prevenção de acidentes, satisfação, felicidade, qualidade de vida, saúde, cidadania, autonomia e incentivo à vida. Todavia, parece pouco provável que as mesmas atividades proporcionem satisfação pessoal para todos os idosos.

5.7. Os discursos sugerem carência de reflexões sobre o caráter pedagógico dos grupos de convivência. Muitas das intervenções educacionais com pessoas idosas são caracterizadas pela “pedagogia da esperança” ou “princípio da esperança”, em que são propostas atividades esperando que sejam boas em si mesmo e são avaliadas como positivas, se as pessoas participantes estiverem felizes e contentes.

5.8. Os motivos pelos quais os profissionais estão atuando em grupos de convivência: alternativa de emprego, afinidade com público idoso, insatisfação em trabalhos anteriores, “gostar de idosos”.

5.9. Muitos profissionais apresentam outros vínculos empregatícios, isso pode implicar diretamente no modo como eles veem e percebem seu trabalho nos grupos.

5.10. O trabalho com idosos pode, no decorrer do tempo, desdobrar-se em maior interesse e um potencializador nas ações que são desenvolvidas para esse grupo, como pode gerar apatia e descaso, um “enjoo” pela rotina.

5.11. O perfil dos profissionais parece carecer de uma formação em serviço/trabalho direcionado aos grupos, de uma troca de informações entre o grupo, aparente falta de comunicação entre as esferas (profissional-empresa contratante-secretárias de assistência social/saúde/cultura). Talvez o grupo necessite de uma criação de redes e serviços de apoio advindas dos gestores, os administradores dessas ações.

5.12. Capacidade de improvisação por parte dos profissionais, adaptando-se conforme as situações decorrentes no trabalho.

5.13. Carência de outros profissionais para a prestação de serviços com os idosos e também assistência aos próprios colegas de trabalho.

Entender e delinear o perfil dos profissionais que atuam nos grupos de convivência para a terceira idade pode contribuir para o aprimoramento das atuações existentes, desenvolvendo, inclusive, outras atividades, podendo agregar outros perfis de idosos.

O pequeno número de profissionais entrevistados influencia o modo de vida de mais de dois mil idosos, caso se considere o círculo de convívio dessas pessoas. Mas esse número pode quadruplicar. Guardadas as devidas proporções, treze profissionais são capazes de exercer influência sobre o comportamento de mais de oito mil pessoas. Nesse sentido, parece extremamente pertinente um olhar mais atento à formação e ao modo de atuação desses profissionais.

Enfim, cabe mencionar a ausência de profissionais de outras áreas, tais como: Fisioterapia, Terapia Ocupacional, Psicologia, Enfermagem, entre outras. O quadro geral observado, em termos de perfil, revela uma tendência muito clara dentro dos Grupos de Convivência: a prática de atividades per si só, retornando a Doll (2002), o equívoco de construir “ilhas da felicidade”.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. Ostra feliz não faz pérola. São Paulo: Planeta, 2008.
- ARAUJO, L., et al. Representações sociais da velhice entre idosos que participam de grupos de convivência. *Psicol. cienc. prof. mar.* 2005, vol.25, no.1
- ARAUJO, L. F. e CARVALHO, V. A. Velhices: estudo comparativo das representações sociais entre idosos de grupo de convivência. Rio de Janeiro: Textos Envelhecimento , V7. 2004
- ARENDT, H. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- BAGGIO André, VIEIRA, Péricles Saremba. Terceira idade sob o paradigma da corporeidade. In: Both A, Barbosa MH, Benincá CRS. Envelhecimento Humano: múltiplos olhares. Passo Fundo: UPF, 2003.
- BARROS, Lins de; MORAES, Myriam. Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: FGV, 2000
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998
- BEAUVOIR, S. (1990). A velhice . 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BOTOMÈ, SP. Contemporaneidade, ciência, educação e verbalismo. Erechim: URI, 1994
- CAMARANO. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. Rio de Janeiro: IPEA, 2002
- COIMBRA Jr., C. E. A. (orgs.). Antropologia, saúde e envelhecimento. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.
- CAMARANO, A. A., PASINATO, M. T. Envelhecimento, condições de vida e política previdenciária: como ficam as mulheres? Rio de Janeiro: IPEA, 2002.
- CORTELLETTI, I. A. Possibilidades e limites de uma educação para idosos: metodologias e novas tecnologias. In: ENCONTRO IBEROAMERICANO, I. A intervenção educativa na velhice: desde a perspectiva de uma pedagogia social. Caxias do Sul, RS, 2002. Anais. Maio, p. 70-72.

COUTO, A. L.A.; COUTINHO, M.L.R. Gerontologia: scienza nuova? Reflexões acerca do discurso científico sobre o envelhecer. Rio de Janeiro, 2003. Disponível: <http://www.sbggrj.org.br/Biblioteca/scienza.asp>.

DEBERT, Guita G. A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Fapesp, 2004.

DE MASI, D. Perspectivas para o trabalho e o tempo livre. In: SESC/WLRA. Lazer numa sociedade globalizada. São Paulo: SESC, 2000.

DOLL, Johannes et al. Atividade, desengajamento, modernização: teorias sociológicas clássicas sobre o envelhecimento. Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento, Porto Alegre, 2007. V. 12, p. 7-33.

DOLL, J. Bem-estar na velhice: mitos, verdades e discursos, ou a gerontologia na pós-modernidade. RBCH (on-line), 2006. V.3, n.1, p. 9-21.

DOLL J. Pedagogia social e a realidade brasileira. Anais I Encontro Ibero Americano A intervenção educativa na velhice desde a perspectiva de uma pedagogia social. UCS, Caxias do Sul, 2002.

DOLL, J. Educação e envelhecimento - fundamentos e perspectivas. A Terceira Idade. 2008. v.19, p.7 – 26.

DUARTE JUNIOR, J. F. A política da loucura. 2 ed. Campinas: Papyrus, 1986.

FERRIGNO, J.C Trabalho social com idosos: apresentação da experiência pioneiro do SESC na área do lazer e da cultura. Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar, 2006. Vol 14, nº 1.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia - saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2009

LENOIR, Remi. Objeto sociológico e problema social. In: CHAMPAGNE, Patrick et al. Iniciação à prática sociológica. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

GAGLIETTI, M.; BARBOSA, M. Que idade tem a velhice? Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano, Passo Fundo, 2007. V. 4, n. 2, p. 136-148, jul./dez.

HORTON, M.; FREIRE, P. O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LEMINSKI, Paulo. La vie en close. São Paulo: Braziliense, 1994

LUFT, Lya. *Trabalhar e sofrer*. Revista Veja. São Paulo: Abril, ed. 2148, ano 43, n. 3, p. 24, 20 jan. 2010.

MARTINS, G.A. Manual para elaboração de monografias e dissertações. São Paulo: Atlas. 1994.

MATURANA, Humberto. Emoções e linguagem na educação e na política. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MATURANA, H., VARELA, F. A árvore do conhecimento - As bases biológicas do conhecimento humano. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MINAYO, M. C. S.; COIMBRA Jr., C. E. A. Entre a liberdade e a dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento. In: MINAYO, M. C. S.; Antropologia, saúde e envelhecimento. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.

MINAYO, M. C. S. (Org.). Antropologia, saúde e envelhecimento. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.

MCPHERSON, Barry Envelhecimento populacional e lazer. In: Lazer numa sociedade globalizada. São Paulo, SESC/WLRA, 2000.

MORIN, Edgar. O método II. Trad. Maria Gabriela de Bragança. Portugal: Europa-América, 1989.

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 8 ed. São Paulo: Cortez. 2003.

PAVIANI, J. . Interdisciplinariedade: conceito e distinções. Caxias do Sul: EDUCS, 2005.

PACHECO, J. L. Educação, trabalho e aposentadoria. In: PARK, M.B; GROppo, L.A. (orgs) Educação e Velhice. São Paulo: Setembro 2009

PAPALÉO NETTO, M. O estudo da velhice no século XX: histórico, definição do campo e termos básicos. Em Freitas, E. V. de et al. (Orgs.) Tratado de Geriatria e Gerontologia (pp. 02-12) . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

PARK, M.B; GROPPPO, L.A. (orgs) Educação e Velhice. São Paulo:Setembro, 2009.

PEIXOTO, E.C De volta as aulas ou como ser estudante aos 60 anos. In. VERAS, R. Terceira Idade: desafios do terceiro milênio. Rio de Janeiro: Relume Dumará/UNATI, 1997.

POPPER, K. R. Conhecimento objetivo: uma abordagem revolucionária. Belo Horizonte: Editora Itatiaia. São Paulo: EDUSP, 1975.

SANTIN, Silvino. Educação física: temas pedagógicos. Porto Alegre: EST/ESEF, 1992.

SALGADO, M. A. Mitos e preconceitos socioculturais com a velhice: responsabilidade do trabalho social. In: SOARES, A. F. et al. (Org.). A População idosa no Brasil: perspectivas e prioridades das políticas governamentais e comunitárias. Belo Horizonte: Fundação Pinheiro, 1992.

SALGADO, Carmen Delia Sánchez. Mulher idosa: a feminização da velhice. In: Estudos. Interdisciplinares sobre o envelhecimento. UFRGS, Porto Alegre, 2002. V. 4, p. 7-19.

SZYMANSKI, Heloisa. Entrevista reflexiva: Um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. In: SZYMANSKI, Heloisa. A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva. Brasília: Plano, 2002.

SZYMANSKI, H.; ALMEIDA, L. R.; PRADINI, R. C. A. R. Entrevista reflexiva. Brasília: Líber Livro, 2004.

TAAM, R. A educação não formal do idoso: universidade de terceira idade e centros de convivência. In.: PARK, M.B; GROPPPO, L.A. (orgs) Educação e Velhice. São Paulo: Setembro, 2009

TABA, H. Elaboración del currículo. Buenos Aires: Editorial Troquel, 1977.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TEIXEIRA, I. N. e NERI, A. L. Envelhecimento bem-sucedido: uma meta no curso da vida. Psicol. USP. 2008, Vol. 19, no. 1, p. 81-94.

World Health Organization. Ageing. Disponível em:
<http://www.who.int/topics/ageing/en/index.html>.

Descritores em Ciência da Saúde. Disponível em: <http://decs.bvs.br/>

ANEXOS

Anexo A. Parecer Comitê de Ética e Pesquisa



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

VICE-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Comitê de Ética em Pesquisa

PARECER 072/2010

O Comitê de Ética em Pesquisa – UPF, em reunião no dia 31/03/10, analisou o protocolo de pesquisa “Perfil profissional dos profissionais que atuam em grupos de terceira idade: implicações no processo de envelhecimento”, CAAE nº 0036.0.398.000-10 de responsabilidade da pesquisadora Francieli Dal Vesco.

O projeto tem como objetivo relacionar o perfil dos profissionais que atuam em Grupos de Terceira Idade com as implicações no processo de envelhecer. Para isto a pesquisadora fará um estudo envolvendo 40 indivíduos que atuam em grupos de convivência da terceira idade cadastrados na Secretaria de Assistência Social dos municípios de Passo Fundo-RS e Carazinho-RS. Os participantes deverão responder a uma entrevista semi-estruturada gravada sobre sua qualificação, tempo de trabalho e percepção das implicações destas ações em relação ao processo de envelhecimento humano. Após a realização das entrevistas os dados coletados pela transcrição da gravação autorizada pelo participante serão analisados e distribuídos em categorias de acordo com a semelhança nas informações. As idéias principais serão “capturadas” para apoiar a análise e a fundamentação da pesquisa.

Os direitos fundamentais dos participantes foram garantidos no projeto e no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido apresentado. O protocolo foi instruído e

apresentado de maneira completa e adequada. Os compromissos da pesquisadora e das instituições envolvidas estavam presentes.

Diante do exposto, este Comitê, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 196/96, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa na forma como foi proposto.

A pesquisadora deverá apresentar relatório ao CEP ao final do estudo.

Situação: PROTOCOLO APROVADO

Passo Fundo, 20 de abril de 2010.

APÊNDICES

Apêndice A. Questionário para entrevista

1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____

Sexo: _____

Data _____ de _____ nascimento _____ e
idade: _____

Telefone _____ e/ou _____ email _____ para
contato: _____

2 DADOS GERAIS SOBRE O GRUPO DE CONVIVÊNCIA NA TERCEIRA IDADE

- Configuração do grupo e/ou dos grupos de Terceira Idade

Grupo:

Cidade:

Data de criação do grupo:

Número de idosos que participam do grupo de convivência:

Quantidade de idosos que realizam as atividades:

Sexo masculino e feminino:

Idade (menor e maior idade):

3 DADOS ESPECÍFICOS SOBRE O PROFISSIONAL NO GRUPO

- Formação profissional

Formação/Graduação em:

Nome da Instituição de Ensino:

Ano de conclusão:

Cursos de especialização:

Nome da Instituição de ensino:

Data de conclusão:

Cursos e eventos que participou, temas abordados:

- Contato com pessoas idosas

Há quantos anos atua com atividades ligadas a terceira idade? E quanto tempo é professor nos Grupos de Convivência?

Como surgiu o interesse em trabalhar com idosos?

Qual o primeiro contato com a Terceira Idade?

Durante a graduação teve algum contato com assuntos ligados ao Envelhecimento Humano (disciplinas, conteúdos, trabalhos práticos, etc)?

Costuma manter contato com pessoas idosas fora o ambiente de trabalho? Quem são as pessoas idosas que mantêm contato?

Identifique o modo como percebe a participação e o interesse dos idosos no desenvolvimento das atividades? Qual a importância dos grupos de convivência? Quais são os objetivos das atividades realizadas com os idosos?

Quais são resultados esperados com as atividades?

O que você entende por Envelhecimento Humano, Velho e/ou Idoso?

As informações para trabalhar com idosos onde costuma buscar? Que tipo de leituras costuma fazer?

Possui outras atividades laborais? Qual/Quais?

- Em relação ao grupo de trabalho

Entre os profissionais trabalham com os grupos realizam encontros para conversar sobre as atividades?

Considera importante e/ou necessário agregar outros profissionais? Quais?

Obrigada pela sua colaboração.

Francieli Dal'Vesco
Pesquisadora

Apêndice B. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “Perfil profissionais dos profissionais que atuam em grupos de Terceira Idade” e foi escolhido por trabalhar no Grupo de Terceira Idade e sua participação não é obrigatória. A qualquer momento poderá desistir de participar dela e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

O objetivo desta pesquisa é traçar um perfil dos profissionais que trabalham com Grupos de Terceira Idade.

Sua participação, nesta pesquisa, será feita através de uma entrevista a ser realizada no seu local de trabalho, sem deixar o horário de atividades com o Grupo, marcando a entrevista a partir de comum acordo. Essa entrevista ocorrerá após a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, este apresentado em duas vias, uma ficará com o participante do estudo e outra, com o pesquisador.

O consentimento é livre e sua participação na pesquisa é voluntária, o que lhe assegura o direito de participar ou não dela, além de retirar seu consentimento em qualquer fase dela.

As perguntas organizadas procurarão eliminar qualquer possibilidade de constrangimento, sem envolver assuntos de natureza pessoal. Se isso acontecer, você poderá recusar-se a respondê-las ou sugerir reformulação da pergunta. Se quiser abandonar a entrevista, poderá deixar o ambiente sem prejuízo de qualquer natureza.

Os nomes vinculados à pesquisa serão mantidos sob sigilo, identificados apenas por nomes fictícios. Também o local de trabalho será mantido sob sigilo, identificado apenas por suas características.

As respostas serão anotadas após a autorização para a gravação da conversa. Depois de utilizar o material para a pesquisa em desenvolvimento, ele será incinerado. Os resultados poderão ser publicados e demonstrados em eventos científicos, observando sempre o anonimato e a confiabilidade das informações. A apresentação dos resultados aos participantes da pesquisa ocorrerá, em local e dia a serem combinados, posteriormente à defesa.

Você terá a garantia de receber esclarecimento sobre a qualquer pergunta ou dúvida relacionada ao estudo e acesso aos dados em todas as etapas.

No caso de dúvida sobre os direitos como participante deste estudo, procurar:

☐ Pesquisadora Francieli Dal Vesco: Rua Benjamin Constant, nº611/904, Bairro Centro, CEP 99010-130 – Passo Fundo/RS. Fone: (54) 3622-0277 e/ou (54)9178-6260.

☐ Professor Orientador Péricles Saremba Vieira: CAMPUS I - Km 171 - BR 285, Bairro São José, Caixa Postal 611 - CEP 99001-970 - Passo Fundo/RS. Fones: (54) 3316-8380 e/ou (54) 9981-4396.

☐ Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade de Passo Fundo: CAMPUS I - Km 171 - BR 285, Bairro São José, Caixa Postal 611 - CEP 99001-970 - Passo Fundo/RS. Fone: (54) 3316-8370.

☐ Coordenação do Mestrado em Envelhecimento Humano: CAMPUS I - Km 171 - BR 285, Bairro São José, Caixa Postal 611 - CEP 99001-970 - Passo Fundo/RS. Fone: (54) 3316-8380

Assim sendo, espera-se contar com sua preciosa colaboração, que certamente irá enriquecer este trabalho, frisando que não haverá custos financeiros para ambas as partes.

Dessa forma, agradece-se sua colaboração, solicitando sua autorização.

Passo Fundo, _____ de 2010

Pesquisadora: Francieli Dal Vesco

Assinatura

Eu, _____, li e aceito participar da pesquisa intitulada “Perfil profissionais dos profissionais que atuam em grupos de Terceira Idade”

Assinatura

